

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

**O NORDESTINO NO DISCURSO DO CORDEL: A TRADIÇÃO  
POR UM FIO (1940-1980)**

Orientador:

*Durval Muniz de Albuquerque Júnior*

Orientando:

*Valdinar da Silva Oliveira Filho*

CAMPINA GRANDE – PB

2000.2

"Procuro precisamente diagnosticar, realizar  
um diagnóstico do  
presente: dizer o que  
somos hoje".

*MICHEL FOUCAULT*

"O que não me mata, me fortalece"..

*NIETZSCHE*

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que contribuiu de forma significativa para a realização de nossas pesquisas.

Ao professor Doutor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, pela orientação profissional, cúmplice e amiga nesse trabalho. Sem você, esse trabalho e a minha pessoa não sofreriam as transformações qualitativas para a conclusão do trabalho. Emocionado, lhe agradeço. Um beijo.

Aos professores: Luciano, Nilda, Alarcon, Cabral, Cristina, Alexandre e Marcos Gama, Thompson Mariz, Paulo Bastos, Gervácio, Edílson Amorin, Carmem (Francês), Camilo, Eduardo, Zenon, Fábio, Celso e Benjamim, pela sempre boa amizade e contribuição profissional qualitativa-quantitativa no crescimento gradual e constante em minha formação acadêmica e pessoal. Obrigado.

Aos funcionários do DHG, SEDHIR, LAEL, LABEGH, Biblioteca, R.U., Coordenação, PRAI, CH, em especial D. Nenzilda, Lurdinha, Ednalda, Paulo, Rosa, Ana, Wellington, Vera, Vânia, Magui, Joãozinho e Paulo (LAEL), que se tornaram meus melhores amigos, verdadeiros irmãos e irmãs. Emocionado, agradeço.

Aos companheiros de luta estudantil do C. A de História e DCE.

Aos pensadores: Michel Foucault, Nietzsche, Michel de Certeau, Deleuze, João Cabral de Melo Neto, Roberto Machado, Guimarães Rosa, Spinoza, Walter Benjamin, Castoriadis e Ginsburg.

Aos poetas de Cordel e à Literatura de Cordel, pela existência de ambos. Emocionado, agradeço.

Ao professor Severino Gomes (Biu), por tudo. Emocionado, agradeço.

A todos os meus amigos, em especial: Sérgio, Fábio, Israel, Polossar, Ana Lúcia, Joel, Paulo, Adelson, Josiel, Clarissa, Adnelson, Jean, Maurício (s), Alan, Beto, Raíssa, Oceanira, Lais, Fabiana e Stanley.

A TATIANA LIMA SIQUEIRA.

Ao Sr. Assis Siqueira Valença.

A todos os meus tios e tias por parte de mãe e de pai. Um beijo.

A todos os meus primos e primas. Um abraço.

À UFPB e Campina Grande-PB. Obrigado por todas as coisas boas que ambas me proporcionaram. Emocionado, agradeço. Beijinhos.

## DEDICATÓRIA

A mãe dindinha, vovô, Padrinho Chiquinho, tia Nice e meu pai; pra vocês eu digo o seguinte: A ESTRADA DESSA VIDA ESTÁ TÃO DIFÍCIL SEM VOCÊS, E VOCÊS NÃO ESTÃO MAIS POR PERTO PRA PODEREM ME AJUDAR. FOI SEM QUERER QUE MAGOEI SEUS CORAÇÕES, PERDOEM-ME PAIXÕES. COMO DÓI A SOLIDÃO ..., Mãe dindinha, Padrinho Chiquinho ... Está tão difícil sem vocês. Oh Deus! Quantas saudades. Amo vocês. Amo vocês.

A Eulália Damasceno. Báia, sem você, hoje eu seria um analfabeto, um sem-teto, sem sentido, um "sem nada" ... Um verdadeiro ninguém. Como agradecer ou dedicar algo? Oh Deus, como eu lhe amo. Você exemplo de fé, amor, força, honestidade, sinceridade, paciência, coragem, resignação, carinho, filha, irmã, mãe, amiga, professora, mulher, um exemplo, enfim, de um verdadeiro ser humano. Ah Báia ... como eu lhe amo. Estou emocionado e agradecido a Deus por sua existência. Nós nunca nos separaremos. Somos cúmplices de muitas coisas ... Ah, Báia, como eu lhe amo. Não me deixe nunca, pois não suportaria viver essa vida sem você. Te amo, você amo, você amo você eternamente. Diferentemente das "paralelas", nós sempre estaremos juntos no final. De seu filho que não sabe amar, mas conhece o amor: você. Obrigado, beijos. Amo você.

A minha mãe. Pois é, mãe ... conseguimos. Mãe, recordo, neste momento, quantas dificuldades e sofrimentos na sua vida tem passado e agüentado até hoje. Sem a senhora, eu não teria existido e muito menos estaria hoje realizando esse sonho bonito que é a formação acadêmica. Nunca duvidei que lhe amo. Nunca fui um bom filho e bom irmão, porque nos momentos mais difíceis de

nossas vidas, eu não sabia dar respostas aos problemas que apareceram. Terminei, muitas vezes, por não entender e nem saber dar "boas respostas" à vida, me comportando de maneira incorreta. Me desculpe. Perdoe-me pela dificuldade de demonstrar o quanto lhe amo e o quanto você é importante em minha vida. Se todos soubessem que a senhora ficou viúva muito nova, que teve de trabalhar pela manhã, à tarde e à noite (trabalho esse que realiza até hoje) ... se todos soubessem quanto é difícil ser mãe nessa situação ... se soubessem quanto é difícil ganhar tão pouco, trabalhar três turnos por mais de vinte anos ... Ah! Se todos soubessem quanto é difícil ... enfim, se soubessem quanto é difícil deixar seus filhos irem morar num lugar longe (Campina Grande), com a irmã (Eulália), vendo suas crianças irem, acreditando que seria o melhor para nós (seus filhos), ah! Se todos soubessem quanto é difícil viver tudo isso, hein, mãe!?! É, a senhora sobreviveu e sobrevive com outras tantas coisas ... felizmente. E eu tenho certeza, assim como dois mais dois são quatro que, quando chamarem meu nome na hora da formatura, que entrarmos juntos, na pequena distância até a entrega do diploma, tenho certeza que um "filme" passará em nossas mentes ... Mãe, eu lhe amo e lhe agradeço por tudo, pelas ausências e presenças que a vida nos obrigou a viver. A senhora não teve culpa de nada. Sinta-se inocente e feliz, pois, a senhora descobriu muito que a vida não é um ensaio, é pra ser vivida. E isso a senhora tem feito. Dedico a minha vida a você. Obrigado. Amo você. Beijos.

A tia Saleth, por tudo. Pelos bons filhos, (meus primos) que vejo como irmãos, com as quais tenho uma relação de amizade e cumplicidade construtora de uma vida melhor. Ah, tia ... a senhora tem sido o elemento definidor que, dia após dia, tem me transformado num ser humano melhor. Amo você. Muitos dos meus sonhos, desejos e realizações só se tornaram possíveis porque a senhora sempre acreditou em mim. Sempre acreditou e investiu em meu potencial. Ah, como lhe agradeço. Estou chorando agora, lembrando das vezes que liguei para você de madrugada pra conversar um pouco, falar o quanto estava sendo difícil aqui ... lembra? Ah, como eu lhe amo, tia! Sabe, são tantas mães (Graças a Deus!), e entre elas, está a senhora, tão mãe quanto qualquer uma das outras (mãe dindinha, mãe, Báia, tia Nice, tia de Gracinha, tia Niêta, tia Helena). Sabe tia, se hoje dedico este trabalho e a minha formação acadêmica a senhora, é

porque você me mostrou o que é a vida, ensinando-me a ser um ser humano melhor a cada dia. Lembro das muitas conversas que nós tivemos, e a senhora com a amizade e compreensão sempre divina, me confortava com palavras sinceras e tranquilizantes. Durante nossas conversas, eu era contagiado de uma paz inimaginável, um momento de paz que ainda hoje só encontro com sua presença. É como se, nos momentos mais difíceis de minha vida, a senhora me carregasse no colo, como um filho pequeno, inseguro, sem respostas ... Amo você por tudo isso. Obrigado por esses momentos de paz e de amor. Amo você.

A minha irmã, Sara Helena. Sem você, eu não teria terminado o segundo grau, não teria sido aprovado no vestibular, não estaria me formando hoje e não seria esse irmão e tio feliz que sou hoje. Obrigado. Amo você e nunca deixarei de lhe amar e de lhe apoiar sempre. Seus filhos são também meus filhos. Nunca lhe deixarei, estarei sempre com você. Amo você.

Ao meu irmão, Antonio Marcelo. Ah, mano, você sabe o quanto lhe amo. Perdoe-me pelas ausências e incompreensões. Lembro-me do tempo que morávamos com a mãe dindinha ... quantas lembranças. Por infinitas vezes vi você fazendo de tudo para realizar todas as coisas que ela dindinha queria, proporcionando-lhe sempre alegrias e felicidades. Ah, como ela me amava e você a ela. Nunca, até hoje, nenhum neto amou, cuidou, zelou, enfim, deu tantas alegrias a uma avó, como você deu a nossa dindinha. Quero dizer-lhe que sempre, sempre você foi e tem sido um ótimo irmão. Se eu tivesse a amizade, humildade, carinho e preocupação pelos outros como você tem, que faz parte do teu ser, tenho certeza que eu seria bem melhor hoje, tanto como ser humano, tanto como irmão. A vida nos fez diferentes, mas que essa diferença não diminua o amor que sentimos um pelo outro. Amo muito você, e lhe dedico minha vida a você. Com carinho, respeito e admiração.

Ao meu outro irmão e sobrinhos: Danilo Alexandre, Bruna Catarina e Douglas Júnior. Sem vocês, a vida não teria graça, se tornaria muito pequena para ser vivida. Vocês chegaram e tornaram minha vida melhor, mais alegre, mais bem vivida. Amo vocês, beijos.

A minhas tias: Niêta e Gracinha, por tudo. Pela amizade, amor, carinho, enfim, definitivamente, por tudo. Obrigado. Amo vocês, beijos.

A TATIANA, PELA PESSOA MARAVILHOSA E ESPECIAL QUE É.

Enfim, como vêem, todos que aqui apresentei fazem de minha vida uma história em que a reciprocidade de nossas vidas são cúmplices da história que hoje vivo. Obrigado a todos. Dedico a vocês minha vida.

## APRESENTAÇÃO

“HÁ TANTAS AURORAS QUE NÃO BRILHARAM AINDA”.

**Nietzsche**

Este trabalho busca demonstrar aquilo que acredito ser a “ponte”, uma imaginação, um desejo, um sonho, um sentido ... que procuro apresentar como conclusão do Curso de Graduação em História pela UFPB – Campus II, e a ligação a um Programa de Pós-Graduação.

Estou concluindo a Graduação em História no ano 2000, período 02 (dois), e, em certa medida, a conclusão deste trabalho não difere tanto do início de nossas pesquisas, em 1996, quando de nossa entrada no grupo de pesquisas orientado por Durval Muniz, e de nossa seleção no PIBIC. Quando digo: “não difere tanto”, genro dizer que o pensamento inicial partiu sempre do pressuposto que a invenção do nordestino no discurso popular de Cordel, iria corroborar, em todos os sentidos, com o projeto de Durval Muniz, intitulado: Nordeste: uma invenção do “falo”, uma história do gênero masculino no Brasil; no entanto, as pesquisas nos trouxeram um elemento novo em relação ao que entendemos como um possível construtor e definidor do “nordestino” no discurso de Cordel.

A imigração dos “nortistas-nordestinos” para o sul do país, na década de quarenta, é o elemento novo que nos chamou atenção, e que trouxe diferenças em relação à hipótese inicial de nossas pesquisas.

A seguir, na Introdução deste trabalho, apresento como ele foi pensado e realizado.

## ÍNDICE

- INTRODUÇÃO .....	01
1º CAPÍTULO: A invenção do nordestino no discurso das elites .....	06
2º CAPÍTULO: A invenção do nordestino no discurso popular do Cordel ..	18
3º CAPÍTULO: As temáticas que constroem o nordestino no discurso do Cordel .....	31
- CONCLUSÃO .....	42
- BIBLIOGRAFIA .....	44
- FONTES: literatura de Cordel .....	48
- ANEXO 01	
- ANEXO 02	
1) Tipografias e Editoras que atuaram entre 1900 e 1980.	
2) Como datar folhetos	

## INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa iniciada em 1996, intitulada: Nordeste uma invenção do "falo" ..., quando fizemos parte de um grupo sob a orientação do Professor Durval Muniz que, se dedicava ao estudo sobre "História dos Costumes", procurando dar continuidade às pesquisas por êle desenvolvidas quando da elaboração de sua dissertação de Mestrado e de sua Tese de Doutorado, defendidas na UNICAMP.

Utilizamos como fonte de pesquisa a Literatura de Cordel, porque os folhetos, no saber e na memória popular, para o homem pobre, humilde e analfabeto, para estes em especial, são o seu jornal, o seu rádio e a sua televisão. Não que os folhetos já tenham nascido com essas características, sendo neste ponto que esse tipo de fonte e discurso nos chama atenção, pois, ao buscarmos a Literatura de Cordel como fonte de pesquisa, o fizemos porque acreditamos que o discurso do Cordel é utilizado por outros saberes, como, o discurso das elites, para a realização de diversos interesses, para veicularem e fazer chegar até ao povo projetos que deveriam interessar a própria elite e deveria ser subjetivado pelo homem pobre da região.

Para as pessoas ou os homens do "povo", pobres e humildes, os folhetos são o instrumento que os põem em contato com o seu meio, fazendo-os conhecedores das coisas de seus mundos. Eles, os folhetos, muitas vezes, são utilizados para narrar a história "oficial" do Brasil. São utilizados para realizar a narrativa de um povo, de uma maneira de viver, de um país dos eventos de uma época. Os versos presentes na Literatura de Cordel, procuram basear-se na realidade. A sucessão de eventos acontecidos no país, numa região ou comunidade, são descritos numa linguagem popular, em verso e com uma cosmovisão particular.

Nos folhetos existem eventos de sua própria região, de sua comunidade e de seus indivíduos. Uma memória individual e coletiva de um país, de um povo, de uma região, enfim, de uma comunidade. É um dos poucos registros escritos de uma cultura praticamente oral e popular como a "camponesa".

Os versos são uma memória, um documento, um registro escrito, recordado e reportado pelos cordelistas numa linguagem popular, utilizando as narrativas para transmitir mensagens que interessariam ao povo, atualizando-as, dando sua opinião e as colocando-as em sua linguagem, para que o povo entenda.

O folheto de cordel é o canal privilegiado para a transmissão de mensagens que possam interessar ao povo. Em sua produção, os poetas cordelistas utilizam-no como o lugar da produção da "verdade" de indivíduos e espaços, sejam regionais, sejam nacionais. São utilizados como um arquivo, um documento e registro escrito de muitos projetos.

Nos folhetos, são utilizadas estratégias e táticas que procuram legitimar a veracidade dos fatos. Nas narrativas são descritos diversos papéis e valores que podem incidir no presente de indivíduos, da comunidade e da própria nação. Sua produção cultural tem por base a realidade, onde geralmente a verdade das narrativas é fruto do que o poeta viu e ouviu no seu dia.

O poeta é um sujeito "autor" que, necessariamente, não fala em seu nome, fala por uma comunidade, é a "voz" de um povo. Nesse sentido, os folhetos contêm discursos, enunciados e imagens, que são frutos de uma realidade aceita comunitariamente.

A Literatura de Cordel, é reconhecida em níveis regional e nacional, como um tipo de cultura notadamente regional, folclórica e de bases comuns. Os folhetos funcionam como o elemento mais expressivo, para que os acontecimentos cheguem ao conhecimento de todos, sendo lidos nos mercados, nas feiras, nos serões familiares,

etc. A memória popular conserva e transmite narrativas de acontecimentos, que, nos folhetos, são registrados por escrito.

Os folhetos de Cordel, são como “cambiadores” entre o familiar e o notável, entre o cotidiano e o histórico. Eles reúnem uma série de narrativas, que formam uma memória popular, regional e nacional. Fazendo abrir o cotidiano ao acesso da narrativa e fazendo aparecer o grão minúsculo da história.

As narrativas, ao passarem para a escrita, são frutos do que as pessoas viram, do que disseram uns aos outros verbalmente, do que ouviram dentro dos limites de sua comunidade, de sua região e, que vão tomando a forma de extraordinário, tomando-se “contável” a todos, universalmente transcritível, digno, enfim, do papel impresso. Nesse sentido, as narrativas mudam de estatuto, não são mais um “contar incerto”, que se transmite de “parada em parada”, são a notícia fixada de uma vez por todas, em todos os seus detalhes crônicos. Ela são recebida do “alto”, o “boato” que corre e transforma-se em anúncio. Por aí, enfim, a comunidade ou a região encontra-se, por eles mesmos, sem intervenção exterior, produzindo história, e esta, por sua vez, marca, com sua passagem instantânea, datas, lugares e homem. Não foi preciso um “rei” ou um poderoso para torná-los memoráveis.

Nas histórias penduradas nos “cordões”, por exemplo, violência e masculinidade, fazem parte de uma das experiências de ser homem no Nordeste. Nessas histórias, a morte é algo “corriqueiro”, orientada por códigos de honra e sangue, que parecem ser dignos apenas de ocupar as páginas policiais de “jornais diários”. No entanto, elas ganham uma outra dimensão nos folhetos de Cordel. Por exemplo, os folhetos procuram exemplificar quais devem ser os “bons” e “maus-costumes” de um indivíduo, de uma comunidade, de uma nação.

A Literatura de Cordel apresenta-se a nós como uma das várias possibilidades de estudar e pesquisar a emergência do ser nordestino. É um, entre vários discursos

que, estrategicamente, define um "ser" para o nordestino, que cria uma visibilidade e uma dizibilidade em torno dele.

As estratégias que gestaram o Nordeste no início do século e, com ele um "homem novo", estão presentes nos folhetos e fazem parte de uma "formação discursiva", onde existem "regras" que estão sempre relacionadas a objetos, enunciados, conceitos e estratégias presentes nas narrativas.

São estas regras que singularizam e possibilitam a formação discursiva de uma "regularidade" à dispersão dos discursos. Dispersão essa onde na Literatura de Cordel, uma cultura praticamente oral e tradicional, ao obedecer regras de produção da modernidade procura, ao ter essa oralidade registrada por escrito, reunir essa "dispersão" que é o sujeito e o discurso, possibilitando entender os elementos que o compõem.

O nordestino, nosso objeto de estudo, é elaborado e reelaborado permanentemente no discurso popular do Cordel, a partir do início da década de quarenta desse século. Os enunciados, que são vários e permeiam os discursos, vão dotando esse "corpo" de um texto e de imagens, ao longo do século.

O conceito de nordestino aparece nos folhetos, definindo-o e transformando-o numa figura que antes definia o nortista, o brejeiro, o praieiro, o sertanejo, o coronel, o matuto, etc., e que estão relacionados em um sistema comum.

As estratégias que engendraram o nordestino e que dão conta de sua formação discursiva, permitem ou excluem, criam fronteiras do que é ser nordestino e limitam outros temas e teorias que tratam do mesmo sujeito.

Quando o nordestino é enunciado no discurso do Cordel, ele emerge como objeto pela referência a sua condição material. Sua enunciação se marca pela singularidade.

Nossa hipótese de trabalho é que o nordestino tem sua emergência como tipo regional no discurso do Cordel na década de quarenta do século XX. Sua emergência está ligada ao período de migração dos "nordestinos" para o sul do país, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro. Hipoteticamente, acreditamos que o "nordestino" se reconhece como tal, mais fora de sua região, que propriamente dentro dela.

No primeiro capítulo desse trabalho, procuraremos rememorar a invenção do nordestino pelo discurso das elites e, mostrar como o termo nordestino não está presente no Cordel no início do século. Ou seja, o nordestino é uma invenção do discurso das elites e não havia emergido concomitantemente no discurso popular do Cordel.

No segundo capítulo, procuraremos apresentar o contexto de emergência, do nordestino nesse discurso, a migração para o sul do país e a generalização desse conceito na Literatura de Cordel. Ou seja, aqui começou a emergir a figura do nordestino nos folhetos de Cordel.

Procuraremos apresentar, no terceiro capítulo, como o nordestino é lido no Cordel e quais as temáticas que são a ele associadas. Buscando apresentar as possíveis modificações do nordestino, mostrando em que tipo de história o nordestino é usado. Ou seja, apresentaremos uma série de folhetos que mostram como, gradativamente, antigas figuras dos antigos estados do Norte vão desaparecendo, permanecendo o termo nordestino como o sucessor dessas antigas imagens e enunciados que compunham o antigo Norte do Brasil.

Enfim, espero que esse trabalho não se esgote nessas páginas, esperando que toda a discussão impressa nesse texto, seja uma "provocação", ou seja, a primeira palavra, jamais a última. Nossa proposta é que o nordestino possa ser compreendido dentro de um embate, um jogo de saber e de poder, um regime de verdade que mascara sua própria verdade. Divirtam-se.

## 1º CAPÍTULO

### A INVENÇÃO DO NORDESTINO NO DISCURSO DAS ELITES

O nordestino, assim como o recorte regional Nordeste, nasceu a partir de uma série de práticas regionalistas e de um discurso regional, que se intensifica entre as elites do Norte do país, a partir do final do século XIX, quando o declínio econômico e político desta área vai levar a uma progressiva subordinação deste espaço em relação ao sul do país, notadamente São Paulo.

O termo “nordestino” aparece para nomear os habitantes de uma área inicialmente compreendida entre os estados de Alagoas e Ceará, sendo, às vezes, aplicado para nomear também os habitantes do Piauí e Maranhão, com menor frequência. No discurso das elites regionais, principalmente daquelas ligadas a Pernambuco, que construíram a idéia de Nordeste, a identidade regional nordestina e seu tipo regional vai ser melhor configurado a partir dos anos vinte e se afirmar, de forma definitiva, nos anos trinta.

*“O tipo regional nordestino não existia até as primeiras décadas do século XX. Surgiu quase que ao mesmo tempo que o recorte regional Nordeste, ou seja, em torno da segunda metade da década de dez. A primeira referência que encontramos ao termo nordestino, para designar o habitante da área ocidental do antigo Norte, no Diário de Pernambuco, por exemplo, data de 15 de novembro de 1919, quando o jornal se refere a um parecer do deputado Ildefonso Albano, do Ceará, sobre um projeto do deputado Eloy de Souza do Rio Grande do Norte, que instituía uma caixa especial, para financiar os esforços particulares visando irrigar as terras da região. Ao se referir a um discurso proferido*

*pelo mesmo deputado, sobre este assunto há dois anos, o jornal o chama de 'deputado nordestino'*<sup>1</sup> <sup>2</sup>

Essa citação procura mostrar a emergência do termo nordestino no discurso das elites, mostrando que o lugar primeiro em que emergiu o nordestino faz parte de uma série de discursos das elites da região, que também estava tendo sua identidade elaborada desde a década anterior, levando algumas décadas até ser introjetado como um elemento definidor de identidade para toda a população desta área do país.

O nordestino nos discursos das elites, faz parte de uma emergência histórico-discursiva, que o desenha e o redesenha permanentemente, desde o início do século. O nordestino é constantemente elaborado e reelaborado por uma vasta literatura. No discurso da Literatura de Cordel, no discurso popular vasado nos folhetos, entre as camadas populares, o nordestino não emerge ao mesmo tempo que no discurso das elites. No discurso do Cordel o nordestino é uma figura que só é subjetivado num momento posterior a sua emergência no discurso das elites.

Entre os diversos folhetos que pesquisamos para realizarmos esse trabalho, percebemos que, no Cordel do início do século, o nordestino é uma figura que não está presente ainda, o que nele existem, são discursos que falam de sujeitos que, posteriormente, estarão reunidos numa única figura, que será o nordestino.

*"Disse um sertanejo velho: / - Não vou, venha quem quizer, / compro a praça, embora gaste / todos os bem que tiver / vendo as bestas das meninas / e o mellado da mulher".*<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> N/a – Contra o flagelo das secas – Problema do Nordeste na Câmara Federal. Recife, Diário de Pernambuco, 15/11/1919, p. 2.

<sup>2</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Versão Preliminar do texto final: "Nordestino: uma invenção do 'falo' – Uma história do Gênero Masculino no Brasil (1920-1970). Não tem número da página.

<sup>3</sup> BARROS, Leandro Gomes de. O Sorteio Militar, sem editora, sem data.

Essa citação destaca a figura do sujeito sertanejo, que é muito comum nos folhetos do Cordel do início do século e que, paulatinamente, vai desaparecer no decorrer do tempo, para dar lugar à figura do nordestino. Essas estrofes de Leandro Gomes de Barros,<sup>4</sup> poeta popular, provavelmente o primeiro que publicou histórias versadas em folhetos, mostra-nos como o nordestino não está presente, não havia emergido ainda no discurso de Cordel.

Leandro nasceu em Pombal-PB, no dia 19 de novembro de 1865, e veio a falecer em Recife-PE, no dia 04 de março de 1918. Provavelmente, na última década do século passado, em Vitória de Santo Antão ou Jaboatão, quando já residia em Pernambuco, tinha Leandro publicado seus primeiros folhetos. Durante o tempo em que residiu na Paraíba (até 1880 em Teixeira), existiam no sertão e na zona brejeira desse Estado, diversos cantadores e glossadores. Leandro glosava, mas não era repentista; só escrevia. Foi escrevendo e vendendo folhetos, que conseguiu sustentar enorme família. No Mercado São José, em Recife, jogava os folhetos sobre uma lona ou esteira e, quando não "esquecia o mundo" no botequim ao lado, faturava e apurava o sustento da família.

Segundo anúncio de 1917, Leandro publicou mais de quinhentos folhetos, o que significava, no mínimo, mil composições, pois tais folhetos continham dois ou mais poemas.

*"Todos estamos ao par / das indigências do Norte: / Quando o anno não  
é secco / o inverno é muito forte ... / vem sertanejo de cima, /  
Arrenegando da sorte"*<sup>5</sup>

Mais uma vez, nessas estrofes de Leandro, o nordestino não está presente. Muitos folhetos desse autor trazem diversas figuras, entre elas, o sertanejo, o nortista,

<sup>4</sup> Para saber mais sobre Leandro ver: ALMEIDA, Átila Augusto F. de, SOBRINHO, José Alves, Dicionário Bibliográfico de repentistas e poetas de bancadas. Ed. Universitária, João Pessoa, 1978, p. 77 a 84; e TERRA, Ruth Brito Lemos, Memórias de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893/1930). SP. Global, 1983, p. 40.

<sup>5</sup> BARROS, Leandro Gomes de. O Sertanejo no Sul, sem editora; sem data.

etc. No entanto, em nenhum momento aparece o termo nordestino nos folhetos de Leandro Gomes de Barros. Apesar de muitos desses folhetos não conterem data específica, subentende-se que sua produção ocorreu até 1918, quando de sua morte.

*"De toda parte chegava / Gente para o Joazeiro / Algum delles se vestiam / Com as roupas d'um romeiro, / Quem morava no dezerto / Vinha p'ra vê bem de perto / O famoso cangaceiro".*<sup>6</sup>

Nestes versos de João Martins Athayde, é a figura do cangaceiro que aparece, diferente dos versos de Leandro, falam dos sertanejos. No entanto, em nenhum dos folhetos por nós pesquisados de (Leandro e João Martins), o termo nordestino aparece, o que comprova que este ainda não havia emergido e não era veiculado no discurso do Cordel.

As figuras do sertanejo e do cangaceiro, desde o início do século, são sujeitos muito mais comuns nos folhetos por fazerem parte de uma realidade ligada ao sertão e ao cangaço, daí, portanto, tornarem-se mote no discurso do Cordel.

João Martins de Athayde<sup>7</sup> nasceu em Cachoeira de Cebolas, povoado no município de Ingá do Bacamarte, na Paraíba, em 23 de junho de 1880. Faleceu em Recife-PE, no ano de 1959. Foi poeta popular e editor de folhetos durante o período que vai de aproximadamente de 1920 a 1950. Em 1921, comprou da viúva de Leandro Gomes de Barros por seiscentos mil réis e os direitos autorais do poeta de Pombal. Durante trinta anos, foi o grande editor de folhetos do Nordeste. Em 1950, vendeu seus direitos a José Bernardo da Silva, estabelecido em Juazeiro-CE, com a Tipografia São Francisco, para onde deslocou-se, de Recife, o maior centro editorial nordestino. Ou

<sup>6</sup> ATHAYDE, João Martins. Como Lampião entrou na cidade de Juazeiro, acompanhado de cinquenta cangaceiros e como ofereceu os seus serviços a legalidade. Recife. 12 de março de 1926; sem editora.

<sup>7</sup> Para saber mais sobre João Martins de Athayde Ver: ALMEIDA, Átila e SOBRINHO, José Alves. Dicionário BioBibliográfico, página 71 a 74, e ver: TERRA, Ruth Brito Lima, Memórias de Lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste (1893-1930). São Paulo, Global Ed., 1983.

seja, João Martins, antes de José Bernardo, tinha o maior centro editorial "nordestino" de produção e edição de folhetos.

*"Eu cheguei em Cabedelo / uma certa ocasião / e pude presenciar / uma forte discussão / de um pescador praieiro / e um corumbá do sertão / Presenciei eles dois / discutindo opinião / o sertanejo dizia / - sou louco pelo sertão / para falar a verdade / eu gostei da discussão / S. Sou um forte sertanejo / e quem nasce no sertão / tem por alimentação / carne seca leite queijo / você come carangueijo / vive fraco do pulmal / não é boa refeição (...) / P. Nasci na beira da praia / o sertão é muito ingrato / me acostumei de fato / vendo a espuma cambraia (...)".<sup>8</sup>*

Essas estrofes trazem as figuras do sertanejo e do praieiro. Nesses versos verificamos a presença da figura do "praieiro", habitante do litoral e um dos tipos constitutivos de uma engrenagem que, como resultado, trará a emergência do nordestino.

José Costa Leite nasceu em Sapé-PB, no dia 27 de julho de 1927, poeta popular, xilógrafo e editor, faleceu em Condado-PE, em 18 de fevereiro de 1978. Sua folheteria e casa editora chamou-se "A Voz da Poesia Nordestina".<sup>9</sup> A produção de José Costa Leite, em número de títulos talvez seja a maior de quantos poetas houve. Como xilógrafo, seu nome foi incluído entre os doze melhores do Nordeste. Em 1976, recebeu, na cidade de Campina Grande-PB, o prêmio Leandro Gomes de Barros, instituído pela Universidade Regional do Nordeste.

São vários os tipos constitutivos que formarão o homem nordestino. Isto porque o nordestino é construído através do agenciamento de uma série de imagen e enunciados que constituíam tipos regionais anteriores. Nesta construção:

<sup>8</sup> LEITE, José Costa. Discussão de um praieiro com um sertanejo. Sem data.

<sup>9</sup> A editora "A Voz da poesia Nordestina" atuou entre 1942 e 1985, de acordo com dados colhidos em nossas pesquisas, realizando o cruzamento de informações colhidas nos livros: SLATER, Candance. A Vida no Barbante: A literatura de Cordel no Brasil, Rio, Civilização Brasileira, 1984. p. 279, e ÁTILA ALMEIDA e José Alves Sobrinho, Dicionário (...), idem, p. 151.

*“confluem desde tipos regionais que corresponderiam às chamadas áreas etnográficas em que estaria dividida a região, áreas demarcadas por diferenças naturais, pela formação social particular de sua população ou mesmo, por um processo histórico de colonização, ocupação e exploração econômica distintas, que seriam: o sertanejo, habitante do sertão das caatingas, do semi-árido, produto do caldeamento do branco com o índio, ligados a ocupação do interior e a atividade pecuária; o brejeiro, habitante da zona intermediária entre o sertão e o litoral, áreas úmidas, de relevo mais elevado, produto do cruzamento entre brancos e negros, dedicando-se às atividades de subsistência ou trabalhando na produção da cana-de-açúcar e o praieiro, habitando as praias largas e arenosas do litoral, produto dos mais variados cruzamentos raciais, dedicando-se a atividade pesqueira (...)”<sup>10</sup>*

Nestes versos de José Costa Leite aparece outro tipo constitutivo da figura do nordestino:

*“Existia uma família / de matuto no sertão / um certo casal que tinha de filhos grande porção / que sempre falava errado / deixando interpretação. / O velho tirou as bananas / uma mulher pegou olhar / dizendo eu quero uma palma / ele disse: - vou mostrar / leve uma penca comprida / cá senhora vai gostar. / Ele mostrou ela disse / essa está muito madura / disse o matuto a senhora / só gosta da que atura / se não quiser levar mole / vai levar mesmo da dura. / Veja se eu não abro bem / eu sou um sujeito macho / trago banana pra feira / quase madura no cacho / e quando eu to arrumando / atolo a dura por baixo”.*<sup>11</sup>

A figura do matuto, presente nessas estrofes, obedece às mesmas regras que orientam as figuras do sertanejo, do praieiro, do brejeiro, do nortista, etc. Todas essas

<sup>10</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Versão preliminar do texto final .... *idem*, sem número da página.

<sup>11</sup> PARAFUSO, João (José Costa Leite), O Encontro da velha que vendia tabaco com o matuto que vendia fumo; sem editora, sem data.

figuras serão reunidas posteriormente numa única figura, qual seja: o nordestino. No entanto, nesses últimos versos, aparece algo "novo", e que também faz parte dos atributos e qualidades do que virá a ser o nordestino, a saber: a masculinidade.

*"O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta literatura, desde o começo deste século. Figura onde se cruzam uma identidade regional e uma identidade sexual. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Nesta região até as mulheres são macho, sim senhor".*<sup>12</sup>

Essa citação mostra-nos como o atributo da masculinidade é uma constante e um dos principais temas que está presente no discurso de Cordel. A figura do cangaceiro, do coronel, do sertanejo, do nortista, enfim, qualquer uma delas são associadas a atributos e qualidades de masculinidade, de virilidade, onde "mole não se mete", e que contribuem para construir a imagem do nordestino, segundo o estereótipo dele criado. Por exemplo, a valentia na Literatura de Cordel se constitui, inclusive em um gênero de narrativas, que ressalta no nordestino o que seria suas qualidades de destemor, de coragem, sendo capaz de enfrentar e vencer todos os seus desafetos, mesmo que este seja um poderoso coronel. A covardia é que descaracteriza o ser nordestino. O nordestino nasce masculino, portanto, já que masculinidade é associado a poder, a mando, que era o que a região havia perdido e necessitava recuperar.

*"Já disse Euclides da Cunha / que o 'sertanejo é um forte ...' / os candangos de Brasília, / os seringueiros do norte, / E os homens do Nordeste / Chamados 'cabras da peste' / trocam a vida pela morte".*<sup>13</sup>

Essa citação mostra-nos como o nordestino é uma figura desenhada e reverenciada por atributos de masculinidade e coragem, com uma identidade sexual. O nordestino seria macho pela própria história da região, que teria exigido a sobrevivência

<sup>12</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. Nordestino: uma invenção do "falo" - Uma história do gênero masculino no Brasil. Campina Grande, 1995, mimeografado. (Projeto de Pesquisa). p. 04.

<sup>13</sup> CAVALCANTI, Rodolfo Coelho, Paulista virou tatu viajando pelo metrô, 1975.

dos mais fortes, dos mais valentes e corajosos. Nesta descrição do nordestino, nós vamos perceber que, embora os intelectuais, que estavam elaborando este tipo regional, estivessem ligados às elites, é no homem das camadas populares, principalmente do campo e do sertão, que se vai buscar um modelo típico de masculinidade, com o fim de ser generalizado para todo ser regional.

*“Os homens das elites decadentes, moles e impotentes, das novas elites burguesas, homem delicados e de punhos de renda, ou mesmo o morador pobre da cidade, efeminado por uma vida sem exercícios físicos duros, por uma vida que não era rústica, não serviam como modelo para este novo homem que estava se pretendendo criar, capaz de significar uma resistência viril contra essa cultura moderna e delicada, que ameaçava descaracterizar a região e submetê-la definitivamente às outras áreas do país. Por isso, é nos tipos rurais tradicionais e em sua cultura que se vai procurar o tipo regional e a cultura regional”.*<sup>14</sup>

Destes tipos, aquele que vai ser tomado como o protótipo para a construção do nordestino vai ser o sertanejo, quase sempre contraposto ao brejeiro, ao praieiro e ao cidadão como tipos decadentes, tipos que não serviam para representar o homem viril que a região precisava.

*“Vendo o fragello medonho / qui atacava o nordeste, / além da secca medonha / muita fome e muita peste / elle não teve arreceio / andava no nosso meio / naquelle sertão agreste”.*<sup>15</sup>

Esse foi o primeiro verso em que encontramos o termo “Nordeste” no discurso de Cordel. O folheto está datado de 30 de julho de 1931, sendo que este folheto é a

<sup>14</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. Versão Preliminar do texto final, sem página.

<sup>15</sup> MARTINS, Thadeu de Serpa. Discussão entre dois sertanejos sobre a Successão Presidencial ou o Assassinato do Dr. João Pessoa, Pará, Editora Guajarina, 30/07/1931, Segunda edição..

segunda edição, infelizmente, não tivemos acesso à primeira edição do mesmo folheto de Thadeu de Serpa Martins.

Já o termo nordestino nos folhetos de Cordel, encontramos a primeira referência a ele numa coletânea de poesia popular intitulada "A lira do Sertanejo / Folclore nordestino".<sup>16</sup> Na contra capa do primeiro folheto da coleção, datado de 1917, foi estampado o aviso: "... seu autor, Pedro Batista, há dez anos trabalha na aquisição das poesias, todas colhidas da boca do povo".<sup>17</sup> Outros anúncios indicam que posteriormente, em 1918, Pedro Batista foi responsável pela filial da Popular Editora, em Guarabira.<sup>18</sup>

Apesar de encontrarmos a primeira referência ao termo nordestino na Literatura de Cordel em 1917 numa coletânea de folhetos de Pedro Batista, acreditamos ser um caso atípico, pois só voltaremos a encontrar referência ao termo em 1942, num folheto intitulado: "Os horrores do Nordeste", de José Bernardo da Silva, Juazeiro-CE, datado de 02 de agosto de 1942:

Acreditamos ser um caso "atípico" porque Pedro Batista não era um poeta de Cordel típico. Ou seja, não era alguém do "povo". Pedro Batista, irmão de outro poeta cordelista do início do século, Francisco das Chagas Batista, nasceu em 1890 e faleceu em 1938. Pedro Batista, além de ser irmão de Chagas Batista, era genro de Leandro Gomes de Barros, esteve ligado à Popular Editora, para a qual organizou a coletânea de folhetos à qual nos referimos a pouco, e que seria o marco inicial da presença do termo nordestino na Literatura de Cordel.

Entre março de 1918 e abril de 1921, Pedro Batista foi o editor de Leandro Mantinha também a Livraria do Povo, em Guarabira, à Rua 7 de setembro, nº 17, ou

---

<sup>16</sup> BATISTA, Pedro. A Lira do Sertanejo / Folclore Nordestino, Editado por Pedro Batista, Paraíba, Editora Popular, 1917. (BN).

<sup>17</sup> Ver TERRA, Ruth Brito Lemos. Memórias de Lutas .... Idem, pp. 25 e 28.

<sup>18</sup> As informações sobre a Popular Editora ver: TERRA, Ruth Brito Lemos, op. Cit., p. 144; notas 8, 9 e 11 do Primeiro Capítulo.

seja, no mesmo endereço citado por Chagas Batista como filial da Popular Editora. Em 1922, em folheto de Romano Elias; lê-se na capa: "Tipografia d'A Luz livraria Pedro Batista, Guarabira, Paraíba do Norte". Pedro Batista transferiu-se em 1922 para a capital da Paraíba, onde estabeleceu a livraria São Paulo. Ao solicitar à junta comercial o registro da firma, declara:

*"Que é estabelecido com livrarias e tipografia, nesta capital à rua Maciel Pinheiro, nº 160 e em Guarabira, à rua 7 de setembro, nº 17. Que seu capital é de R\$ 20:000\$000 (vinte conto de réis). Que seu estabelecimento nesta capital começou a funcionar no dia 16 de julho do corrente ano (1923). Que a sua sucursal em Guarabira está sob a direção do Sr. Raymundo Nonato Batista. Pedro Batista, Paraíba, 20/11/1926".*<sup>19</sup>

Ao que tudo indica, Pedro Batista foi representante da Popular Editora em Guarabira, vendendo os folhetos por ela publicados e passa a ser editor quando se atribui a propriedade da obra de Leandro Gomes de Barros, tornando-se, em março de 1918, o primeiro editor de folhetos que não era poeta popular.

Pedro Batista, além de não ser poeta popular, e sim editor, foi membro e secretário do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), com o qual rompeu em 1931, juntamente com Coriolano de Medeiros e Rodrigues de Carvalho e fundou o Gabinete de Estudos de Geografia e História da Paraíba (GEGHP), passando a publicar um pequeno boletim, no qual Pedro colaborou ativamente até o ano de sua morte. Influenciado por Gustavo Barroso, foi um dos fundadores e dirigente do Partido Integralista da Paraíba. Participou do 2º Congresso Integralista em Petrópolis e escreveu o opúsculo "Razões de nosso integralismo"; tendo deste se afastado posteriormente. Pedro fundou o jornal "A Luz", de Guarabira, colaborou com os jornais "A União" da Paraíba e o "Diário de Pernambuco", entre outros. Publicou "O Cônego Bernado", "Os cangaceiros do Nordeste". Deixou inédito "Ruínas da Casa Grande"

---

<sup>19</sup> Ver: Op. Cit., pp. 29, 144 e 148, nota 14 do Primeiro Capítulo.

(obra contra o coronelismo, que sua segunda esposa teria destruído, após sua morte, por temer represálias). O Capítulo VI de "Ruínas", foi publicado no boletim do GEGHP, volume III, nº 5 e 6 de 1939.<sup>20</sup>

Como vemos, após pesquisar um pouco a vida de Pedro Batista, confirmamos nossas suspeitas em torno da presença do termo nordestino na Literatura de Cordel, em 1917. É um caso atípico, realizado por alguém ligado à elite pernambucana e, principalmente, ao Recife e ao jornal "Diário de Pernambuco". O que, para nós, demonstra que a subjetivação desta regionalidade, da identidade nordestina no discurso de Cordel, se deu de forma lenta. Nesse sentido, nós tomaremos como marco da emergência do nordestino nos folhetos de Cordel, o folheto de José Bernardo da Silva, intitulado "Os horrores do Nordeste", datado de 02 de agosto de 1942.

Nos parece, inclusive, que, entre as camadas populares, a idéia da nordestinidade é muito mais assimilada pelos imigrantes que passam a sair em grande número para o Sul, justamente a partir dos anos quarenta.

*"Na zona do Cariri / no Nordeste brasileiro / morava um agricultor / chamado Pedro Granjeiro / Que veio cavar a vida / No grande Rio de Janeiro. / Nisso o Engenheiro teve / pena daquele destino / chamou o mestre da obra / E disse 'seu' Severino / arranje logo uma vaga / para este nordestino".<sup>21</sup>*

Nessa citação, o nordestino parece se descobrir conterrâneos muito mais fora da região, quando têm que enfrentar juntos, inclusive, a discriminação e o preconceito, do que quando estão no próprio Nordeste, onde as identidades estaduais ainda parecem falar mais alto:

---

<sup>20</sup> Para maiores informações sobre Pedro Batista ver: TERRA, Ruth Brito Lemos, op. Cit. P. 148 e 149, e ver: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA PARAÍBA.

<sup>21</sup> SANTOS, Apolônio Alves dos. O agricultor nordestino que veio trabalhar na obra no Rio de Janeiro, 1950, sem editora.

*"Ah! Minha terra sonhada / há anos que não te vejo / inverno saúde e paz, / são os bem que te desejo / vou deixaste por escrito / lembranças de um sertanejo. / Percorri o Pernambuco / do Centro a Capital / aplaudi o movimento / que eu vi no litoral / fora do Rio e São Paulo / não há outro porto igual".<sup>22</sup>*

O nordestino parece se descobrir mais nordestino fora de sua região. A subjetivação desta identidade parece, pois, ser mais rápida entre as elites, onde esta se gestou, até para demarcar uma diferença em relação às elites de outros espaços, do que entre a população da região. Apesar de encontrarmos o termo nordestino em 1942, e, de forma bastante esporádica nas décadas de cinquenta e sessenta, é na década de setenta que o nordestino emerge de forma definitiva e recorrente na Literatura de Cordel, e é disso que trataremos no capítulo seguinte..

---

<sup>22</sup> MATOS, Ciriaco Jorge de. Lembranças de um Sertanejo. Também – Pernambuco, 1957. sem editora

## 2º CAPÍTULO

### A INVENÇÃO DO NORDESTINO NO DISCURSO POPULAR DO CORDEL

São pouco mais de cem anos de produção de folhetos de Cordel no Brasil, especificamente no Nordeste. No entanto, parece que esse tipo de poesia, de discurso popular encontra-se numa fase de pouca produção e leitura, pois tornou-se mais urbano no conteúdo e, em certo sentido, parece ser um tipo de cultura que constantemente tem sua morte anunciada.

*“Aquele sociedade do sangue onde se glorificava as guerras, as lutas fratricidas, onde a morte era soberana, onde se fazia apologia dos suplícios, da grandeza e da honra do crime, onde o poder que está no sangue e que vem do sangue, começa seu lento processo de agonia, para dar lugar à sociedade da lei, da norma, da disciplina, da sexualidade, preocupada com o futuro da espécie. Se anuncia o fim daqueles homens épicos, heróicos, trágicos, de uma sociedade tradicional, onde a cultura é nitidamente masculina, homens que permanecem vivos como literatura. O nordestino ao mesmo tempo que surge para recuperar esta memória e estas qualidades que estão se perdendo, me parece que representa o próprio reconhecimento de que ‘não se fazem mais homens como antigamente’, de que estes homens heróicos se perderam, só vivem nas páginas do Cordel”.<sup>1</sup>*

Essa citação está se referindo a uma sociedade tradicional que caracterizava os antigos Estados do Norte, que, a partir do início do século XX, presenciou diversas

---

<sup>1</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Nordeste: uma invenção do ‘falo’ .... op. cit., Projeto de Pesquisa, p. 10.

mudanças. Os antigos Estados da região norte do Brasil começaram a ter uma nomeação nova, que ficou conhecida, ao longo desse século, como a região Nordeste do Brasil. Quase que ao mesmo tempo da emergência de um espaço regional novo, de um novo objeto de saber e de poder que viria a ser produzido no discurso das elites, emerge também um sujeito novo que surge para recuperar a memória coletiva e individual do Nordeste. Essa figura nova viria a ser designada pelo termo nordestino, que deveria assumir uma identidade regional e uma identidade sexual.

O nordestino, no discurso das elites, emerge como essa figura nova que, ao longo do século, foi desenhada e redesenhada constantemente como uma figura masculina, que deveria atualizar uma sucessão de imagens que antes definiam os habitantes dos antigos estados do Norte.

*"O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta literatura, desde o começo deste século (...). Tendo sido inventado no começo deste século, junto com a região de quem é filho, habitante e sujeito, o nordestino é uma figura que atualiza várias imagens e se diz através de vários enunciados que antes definiam o nortista, o sertanejo, o brejeiro, o praieiro, identidades com que até então se definiam os moradores deste espaço".<sup>2</sup>*

Esta citação, assim como a anterior, denota uma série de mudanças e práticas que remetem ao discurso das elites do Norte/Nordeste que vinha perdendo espaço social, econômico, cultural e histórico no cenário nacional, desde o final do século XIX e início do XX. A partir dessa citação, também vai ficar claro que, num primeiro momento, o nordestino surge relacionado à emergência de uma série de discursos que: "a partir do final dos anos dez e início do vinte, começa a surgir, com crescente insistência, nos artigos de jornais escritos por políticos, técnicos e intelectuais dos estados de Pernambuco e daqueles que sofrem sua influência". O termo nordestino, para designar

---

<sup>2</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Nordestino: uma invenção do 'falo' .... op. cit. p. 04

os habitantes de um espaço regional novo, que embora ainda estivesse indefinido, de uma maneira geral, incluiria os Estados que iam do Maranhão a Alagoas”.<sup>3</sup> Ou seja, num primeiro momento, o nordestino emerge ligado aos discursos das elites dos antigos estados do Norte que vinham perdendo espaço social, econômico, cultural e histórico no cenário nacional desde o final do século XIX e que, a partir do início do século XX, emerge um espaço regional novo nomeado de Nordeste, e uma figura também nova, intitulada de nordestino.

*“Só Deus mesmo nos acode / pois o nordeste não pode / salvar o seu pessoal / certo que os nordestinos / são homens trabalhadores. / Quando há um bom inverno / o sertão é de mil flores / mas há 3 anos que cria / seca, fome, epidemia / carestia e dissabores”.*<sup>4</sup>

Esta citação, está relacionada com as conclusões a que chegamos na Literatura de Cordel e, que faz parte de um segundo momento da elaboração do nordestino, onde constatamos que este, no Cordel, isto é, no discurso popular do Cordel, emerge num momento bem posterior à sua emergência no discurso das elites.

No primeiro capítulo de nossa monografia, apresentamos ao longo do texto que, em nenhum folheto do início do século XX até o final dos anos trinta do mesmo século, o nordestino não havia emergido ainda na Literatura de Cordel. Nossa hipótese de trabalho é que o nordestino no Cordel aparece (de forma bastante esporádica) só a partir dos anos quarenta e cinquenta do século XX. Percebemos, ao longo de nossas pesquisas, que entre as camadas populares, como podemos observar no discurso do Cordel, a identidade regional nordestina, só começa a ser assumida e se generalizar entre 1940 e 1980, coincidindo com o crescimento da migração nordestina para o Sul do país, principalmente para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

---

<sup>3</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Op. cit., p. 07 e 08

<sup>4</sup> SII VA. José Bernardo da. Os horrores do Nordeste – Juazeiro do Norte – Ceará – 02/08/1942. IN: Literatura Popular em Verso. Antologia. Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. Tomos. p. 242

Embora tenhamos encontrado a primeira referência ao termo nordestino num Cordel que data de 1917, nos parece que esta designação regional se torna recorrente neste discurso só a partir dos anos setenta. Ou seja, no primeiro capítulo procuramos mostrar que a primeira referência ao termo nordestino em 1917, foi realizado por um homem da elite e ligado diretamente a ela, caracterizando, portanto, um caso atípico nessa literatura. O que queremos dizer com isso é que, foi só a partir dos anos quarenta, especificamente em 1942 no folheto de José Bernardo da Silva intitulado: "Os horrores do Nordeste", que o nordestino emerge no discurso popular do Cordel. Entre 1940 e 1980, o nordestino não só se torna recorrente nesse discurso, como também se generaliza e se vulgariza, apresentando o seu período de maior aparecimento nos anos setenta.

*"Na zona do Carri / no Nordeste brasileiro / morava um agricultor / chamado Pedro Granjeiro / que veio cavar a vida / no grande Rio de Janeiro. / Se ninguém me proteger / vou também morrer de fome / fiquei devendo no Norte / não quero sujar meu nome / se eu não mandar daqui / minha família não come. / Nisso o engenheiro teve / pena daquele destino / chamou o mestre da obra / E disse 'seu' Severino / arranje logo uma vaga / para este nordestino".<sup>5</sup>*

Esta citação de Apolônio Alves é o segundo momento de aparecimento do nordestino no discurso do Cordel; apesar de, nas estrofes, aparecer ainda o termo Norte, referente aos antigos Estados do norte brasileiro. O Nordeste, enquanto espaço regional novo e objeto de saber e de poder, já era comum, tanto no discurso das elites, como no discurso popular do Cordel. O que nos parece é que, assim como o Nordeste, o nordestino, nesse tipo de discurso, só se torna recorrente nos anos setenta, convivendo ainda hoje com outros tipos regionais, muito mais comuns neste discurso, como: o nortista, o sertanejo, o praieiro, o matuto, o cangaceiro, o coronel, etc.

---

<sup>5</sup> SANTOS, Apolônio Alves dos. O agricultor nordestino que veio trabalhar na obra no Rio de Janeiro. 1950. sem editora.

*"Não pensem que este folheto / é um folheto imoral / este folheto é escrito / numa linguagem formal / bem pura bem nordestina / numa atuação real".*<sup>6</sup>

Esta citação da década de sessenta de Luiz Gonzaga de Lima, vai confirmando, paulatinamente, a emergência e generalização do nordestino nos folhetos de Cordel. Mais ainda, essa generalização não ocorre apenas no sentido do discurso da elite e do Cordel, mas também no sentido pessoal, da subjetivação de diversos autores sejam eles da elite, sejam eles do povo.

*"Já disse Euclides da Cunha / Que o 'sertanejo é um forte ...' / os candangos de Brasília / os seringueiros do Norte / e os homens do Nordeste / chamados 'cabras da peste' / trocam a vida pela morte. / Todo paulista de brio / tem orgulho de sua terra / assim como o nordestino / do asfalto ao pé de serra / com chuva, sol ou orvalho / mete os peitos no trabalho / como morre até na guerra".*<sup>7</sup>

*"Nos Estados nordestinos / da Bahia ao Maranhão / de sempre, sempre aparece / fazendo santa missão / um frade, já bem velhinho / seguindo o mesmo caminho / do Padre Cícero Romão".*<sup>8</sup>

Nestas estrofes de Rodolfo Coelho Cavalcante, o nordestino aparece dentro do espaço regional Nordeste já bem definido, indo da Bahia ao Maranhão, excluindo de ser nordestino os "seringueiros do Norte", dos Estados acima do Maranhão. No entanto, estas estrofes nos mostram também que o nordestino gradativamente vai aparecendo associado a mudanças que orientam a migração rural-urbana: "... do asfalto ao pé de serra"; são transformações que estão ligadas aos processos de industrialização e

---

<sup>6</sup> LIMA, Luiz Gonzaga de. *O cachimbo da confusão*. 1961 (J. BORGES), sem editora.

<sup>7</sup> CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. *Paulista virou tatu viajando pelo metrô*. 1975, sem editora.

<sup>8</sup> IDEM. *Frei Damiano – o missionário do Nordeste*. Março de 1976, sem editora.

urbanização, que significam a quebra de isolamento das comunidades tradicionais e adoção de novos padrões de comportamento. Assiste-se a um processo de aceleração das transformações capitalistas no país, desde o início do século, que vai suplantando a velha sociedade patriarcal, tão bem exemplificada pelo baronato do açúcar dos antigos estados do Norte.

*"os deslocamentos de população e a migração para as cidades não são fenômenos particulares da nossa época. Mas o volume e a amplitude dos movimentos migratórios internos no Brasil, durante o século XX, assim como o ritmo acelerado do processo de urbanização, apontam certamente para transformações econômico-sociais profundas que, como geralmente se reconhece, estão relacionadas ao processo de desenvolvimento do país. Trata-se, portanto, de um fenômeno que manifesta transformações na própria estrutura da sociedade brasileira e, como tal, não pode ser compreendida isoladamente".<sup>9</sup>*

Esta citação de Eunice Durhan, ajuda-nos a contextualizar o período que trabalhamos. Os deslocamentos de população e migração internas no Brasil, coincidem justamente com o momento de emergência do nordestino na Literatura de Cordel. Coincidentemente, a emergência e generalização do nordestino nesse tipo de discurso, está, diretamente associado ao período de maior fluxo migratório de nordestinos para o sul do país. Ou seja, entre 1940 e 1980, tanto o nordestino no Cordel, como a migração interna do Brasil, principalmente para o Sul do país, têm seus momentos de maior aparecimento e crescimento.

---

<sup>9</sup> DURHAM, Eunice R., A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São Paulo - São Paulo, Perspectiva, 1984, p. 07.

## TABELA 01

**População rural e urbana do Brasil na data dos recenseamentos de 1940, 1950, 1960 e 1970.**

QUADRO	POPULAÇÃO PRESENTE							
	1940		1950		1960		1970	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Urbano	12880182	31,24	18782891	36,16	31990938	45,08	52098495	56,0
Rural	28354133	68,76	33161506	63,84	38976247	54,92	41105884	44,0
Brasil	41236315	100,00	51944397	100,00	70937185	100,00	93204379	100,0

(Adaptado da sinopse preliminar do censo de 1960 e das tabulações avançadas do VIII Recenseamento Geral – 1970 ).<sup>10</sup>

Nesta primeira tabela, constatamos que a população urbana brasileira que, em 1920 não representava mais do que 10% da população total, atinge, vinte anos depois, quase 13 milhões de pessoas, isto é, 31% dos habitantes do país. Na década seguinte prossegue intenso o processo de urbanização e, em 1950, 36% dos brasileiros (quase 10 milhões de pessoas) viviam em cidades. O mesmo ocorre no período entre 1950 e 1960, e o censo desta última data acusa uma população urbana de 32 milhões de pessoas ou 45% da população. Em 1970, pela primeira vez, a população urbanizada excede a rural (dos 93 milhões de brasileiros recenseados em 1970, 52 milhões, isto é, 56% residia nos aglomerados urbanos.

<sup>10</sup> DURHAM, Eunice R. Op. cit. pg. 21.

**TABELA 02**

**Variação do número de brasileiros natos vivendo fora da unidade de origem, na data dos recenseamentos de 1940 e 1950.** <sup>11</sup>

	Naturais de outra unidade Vivendo na unidade específica				Naturais da unidade específica Vivendo em outras unidades			
	1940	1950	Absoluta	%	1940	1950	Absoluta	%
Acre	22 877	28 889	6 012	263	9 842	13 313	3 471	353
Amazonas	24292	49925	25633	1055	54 063	53 378	-685	-13
Pará	77 440	72 473	-4 967	-64	41 273	81 432	41 432	973
Maranhão	131 209	161 969	30 760	234	81 105	100 189	19 084	235
Piauí	66 884	86 831	19 947	298	114 416	144 446	30 530	267
Ceará	90 470	109 493	19 023	210	205 661	268 486	62 825	30 5
R. G. do Norte	66 636	77 769	-11 133	167	73 521	103 669	30 148	410
Paraíba	104 611	101 365	-3 096	-30	158 755	245 280	86 525	54 5
Pernambuco	132 557	29 462	76 905	580	224 665	311 138	86 473	385
Alagoas	60 346	67 143	6 797	113	134 920	207 250	72 330	53,6
Sergipe	33 867	36 462	2 595	77	75 848	107 479	31 631	427
Bahia	107 071	144 045	36 984	345	339 848	430 217	90 369	276
Minas Gerais	198 407	215 806	17 399	87	829 265	1 367 239	537 974	649
Espirito Santo	110 326	93 128	-17 128	-155	67 459	147 854	80 395	1 192
Rio de Janeiro	206 324	378 747	62 423	787	432 528	504 130	71 602	166
Distrito Federal	660 728	942 809	282 083	427	82 396	142 053	59 657	724
São Paulo	749 539	1 080 428	330 839	441	231 530	570 239	275 709	1 191
Paraná	216 245	663 730	447 485	2 069	62 658	71 310	8 652	138
Santa Catarina	108 519	152 926	44 485	409	61 451	118 738	57 287	932
Rio G. do Sul	42 326	46 828	4 502	106	131 132	205 576	74 444	7 568
Mato Grosso	71 322	78 632	7 310	102	16 192	36 034	19 842	1 225
Goiás	155 732	282 450	126 718	814	36 014	37 227	1 213	34

<sup>11</sup> DURIHAN, Emice R. Op. cit. pg. 24.

Nesta segunda tabela, verificamos como o volume da migração interestadual aumentou consideravelmente entre 1940 e 1950, não havendo indícios de que tenha declinado nestes últimos vinte anos. Vendo a Tabela 02, observamos que, entre outros Estados, o Estado de São Paulo, em 1950, se destaca por haver recebido o maior contingente de migrantes interestaduais.

**TABELA 03**  
**População brasileira na cidade de São Paulo originária de outras unidades da**  
**Federação, de acordo com o senso de 1950.** <sup>12</sup>

Estado de Origem	Números de habitantes presente na cidade de São Paulo
Minas Gerais	127 084
Bahia	28 219
Rio de Janeiro	16 903
Pernambuco	16 611
Paraná	12 745
Alagoas	12 235
Distrito Federal	11 077
Rio Grande do Sul	8 107
Santa Catarina	7 603
Ceará	253
Mato Grosso	4 160
Sergipe	3 721
Paraíba	3 486
Rio Grande do Norte	2 636
Goiás	2 469
Goiás	2 469
Espírito Santo	2 052
Para	1 455
Piauí	1 360

<sup>12</sup> DURHAM, Eunice R. Op. cit. pg. 35.

TABELA 04

Proveniência dos migrantes a grande São Paulo.<sup>13</sup>

Local de nascimento	Local de Residência	
	Capital	Outros municípios da grande São Paulo
Capital	-	11,13%
Outros municípios da GSP	0,7%	-
Interior do Estado	45,4	50,0%
Minas Gerais	9,6	11,8
Bahia	4,9	2,1
Outros Estados	6,6	4,4
Exterior	25,8	12,9

As tabelas três e quatro nos mostram como, especificamente e, principalmente, os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, se tornam uma área contínua de atração de população. Como se tratam dos Estados mais urbanizados, mais industrializados e, inclusive, de agricultura mais desenvolvida, não resta dúvida que a migração interna se apresenta como um capítulo do desenvolvimento do capitalismo industrial e agrícola do Brasil. Mais ainda, esses dois Estados se transformam num “celeiro” de homens que vêm do Nordeste e lá, em São Paulo e Rio de Janeiro, se descobrem nordestinos.

*“Tem nortista de família / que dos irmãos se separa / e foge para São Paulo / em cima dum pau-d’arara / morar em casa de taboa / dormir em cama de vara. / Quando chega em São Paulo / Não pode ir pra pensão / aí ele é obrigado / entrar na emigração / comendo um sanduíche / de mortadela com pão / lá dentro ele só ouve / grito e*

<sup>13</sup> DURHAN, Eunice R. Op. cit pg. 36.

*choro de menino / de manhã um guarda leva / o pessoal nordestino /  
deixa na Sorocabana / cada um toma seu destino".*<sup>14</sup>

É interessante esta estrofe de João Pereira de Lima que, da mesma forma que o migrante sai do "norte" sendo "nortista", ele retorna não mais para o "norte", mas para o agora Nordeste. Não volta sendo "nortista" e, sim nordestino. O interessante é a forma como os versos foram montados: "tem nortista de família / que dos irmãos se separa / e foge para São Paulo ..."; o início dos versos parece-nos colocar que a identidade nordestino se configura e se confirma, muito mais no ponto de chegada (São Paulo), do que no ponto de partida (Nordeste). O final dos versos: "pessoal nordestino / deixa na Sorocabana ...", nos leva a pensar justamente na construção da identidade nordestina, no encontro do "filho do norte" com os "irmãos nordestinos", que estão em São Paulo.

*"Antes não tinha escolas / só um ou outro sabia / escrever ou apenas  
ler / agora desde a Bahia / ao Nordeste e Amazônia / todos tem  
sabedoria / também o povo da roça / está vindo pra cidade. / A  
própria São Paulo já é / terra de nordestinidade / com milhões de  
contemporâneos / trabalhando de verdade".*<sup>15</sup>

Nestas estrofes de Franklim Machado, verificamos como São Paulo recebe cotidianamente um fluxo muito grande de indivíduos de Estados do Nordeste que, ao chegar em São Paulo, parecem estar em "casa", pois São Paulo se transformou em "terra de nordestinidade".

*"Mal ou bem eu avisei / acredito no destino / xorarei pelos irmãos /  
achados no desatino / dando fim, aqui me afirmo / o maxado  
nordestino".*<sup>16</sup>

*"A região do ABC / em São Paulo industrial / é zona metropolitana /  
fica no lado oriental / com os manufaturados / fortuna que só Estados*

<sup>14</sup> LIMA, João Pereira de.. O pião nordestino e as portas na vida cantarão as saudades dos outros que morreram. 1977, sem editora.

<sup>15</sup> MACHADO, Franklim. O Doutor faz em Cordel o que Cordel fez em Dr., São Paulo. Janciro de 1978.

<sup>16</sup> IDEM. Estamos no fim do mundo, morro do chapeu-BA. 1978.

*/ no Brasil, não tem igual. / Deixam muito dos Estados / nordestinos  
para trás”.<sup>17</sup>*

No primeiro destes versos de Franklin Machado ele se apresenta e se afirma dentro da identidade nordestina. No segundo, ele procura reafirmar o que outros poetas já haviam dito em suas estrofes: a ida do nordestino para São Paulo faz parte do “destino” que o mesmo deve cumprir e, mais uma vez São Paulo é a terra escolhida, o lugar onde a nordestinidade daquele indivíduo pobre e pertencente ao meio rural nordestino, se constrói e se afirma: “Dando fim, aqui me firmo / o maxado nordestino”. Parece-nos que o autor desses versos quer, com seu “maxado”, cortar os laços que o prendem a uma sociedade que ele considera decadente.

*“... Querem continuar fazendo / o Cordel que Leandro fazia / falando  
de donzelas virgem / e de beatos doutro dia / Doutros temas e tempo  
ido / Que mesmo antes não existia. / Depois do rádio de pilha / do  
MOBRAL, televisão / do êxodo rural pro Sul / do jornal interiorização /  
o poeta que não estuda / limita sua criação. / Também não é certo o  
que / dizem que tem de ser mendigo / o poeta pra versar / isso  
mesmo eu desdigo. / Pois João Martins d’Athaide / foi um rico como  
digo / teve gráfica e engenho / Num Nordeste de pobreza (...). /  
Agora vou falar de mim / que sou o Franklim Machado / o ‘maxado  
nordestino’ / como no Sul sou chamado. / Sou de Feira de Santana /  
Nordestino e brasileiro / se hoje estou em São Paulo / cumpro o  
escrito roteiro / da minha sorte e arte / a que me dedico inteiro”.<sup>18</sup>*

Nestes versos de Franklim Machado, a emergência do nordestino claramente aparece ligada à migração deste para o Sul do país. Enfim, neste segundo capítulo, procuramos mostrar como o nordestino, só a partir da década de quarenta, vem emergir no discurso popular do Cordel. Mais ainda, nos vários folhetos que pesquisamos e onde encontramos o conceito de nordestino, seu aparecimento associa-se justamente com o período de maior e mais intensa migração interna no Brasil. É entre as décadas de quarenta e oitenta, que ocorre o momento de

<sup>17</sup> IDEM. ABC do ABC. São Paulo, Janciro 1978.

<sup>18</sup> MACHADO, Franklim. O Doutor faz em Cordel o que Cordel fez em Dr., São Paulo, Janciro de 1978.

elaboração do nordestino no Cordel e o momento de maior intensidade da migração nordestina para São Paulo e Rio de Janeiro, que, nesse sentido, coloca a migração interna no Brasil como um elemento novo na elaboração da identidade nordestina.

### 3º CAPÍTULO

## AS TEMÁTICAS QUE CONSTRÓEM O NORDESTINO NO DISCURSO DE CORDEL

*“Não pensem que este folheto / é um folheto immoral / este folheto é escrito / numa linguagem formal / bem pura bem nordestina / numa atuação real. / Essa muié derna d’onte / Qui ta cum essa anilia / eu senpre sempre falando / tu te aqueta Maria / tu dexe de brincadeira / cuma tombem de fulia. / Ela sabe qui eu detesto / do seu cachimbo o fé dô / sem meno eu isperá / no cachimbo ela butô / o dedo mesmo lá dentro / Na minha venta passo. / Eu estava um poço quente / Porque eu tinha tumado / do jurubeba indiano / um copo bem caprichado / e também a saidera / Fiz o ouvinho misturado”.<sup>1</sup>*

Nessas estrofes, ver-se como o nordestino pouco a pouco vai se associando a diversas temáticas, fruto de sua própria generalização e vulgarização no discurso do Cordel. Os “maus-costumes” de sua mulher e a “cachaça” também são atributos constitutivos da elaboração da identidade regional e sexual do nordestino. Identidades estas em que parece que até as mulheres são macho, sim senhor!

Denominamos de “maus costumes” as práticas que se contrapõem aos códigos morais dominantes na sociedade nordestina. Surgem práticas nomeadas como “vícios”, que precisam ser alijadas da sociedade, representando um perigo para o homem nordestino que se quer criar, que deve ser um tipo saudável física e moralmente. A utilização da temática da “cachaça” nesse folheto, é utilizada e associada ao masculino em que, através da cachaça, é possível colocar pra fora o “amor” que tem pela mulher. O amor masculino parece ter um conteúdo carnal, sexual, etc. Nestas ocasiões, tomar atitudes corajosas, viris, é bem visto, faz com

---

<sup>1</sup> LIMA, Luiz Gonzaga de. O cachimbo da confusão (J. BORGES). 1961. sem editora

que este homem seja visto como um "cabra-macho". Quanto mais se bebe, mais viril se demonstra ser: "Adispois dei-lhe uma pisa / Pra deixa de atrevimento / pra ela num mai pega / no seu cachimbo nojento / só detesto aquele bicho / pru que ele é fedorento".<sup>2</sup>

Nas próximas duas citações veremos como o termo Nordeste e nordestino, já ocupam diversos lugares comuns no discurso do Cordel.

*"Dizem que o trovador / do Nordeste tudo inventa / mesmo no caso verídico / o próprio poeta aumenta ... / Não passa de uma quimera / se o trovador exagera / Porque o povo comenta / Desde que o Padre Cícero / do Juazeiro morreu / no Nordeste brasileiro / outro vulto apareceu / o Evangelho anunciando / e aos romeiros curando / de acordo o modo seu. / Nos Estados nordestinos / da Bahia ao Maranhão / de sempre, sempre aparece / Fazendo Santa Missão / um frade, já bem velhinho / seguindo o mesmo caminho / do Padre Cícero Romão".<sup>3</sup>*

Nesse verso de Rodolfo Coelho Cavalcante, datado de 1976 mostra-nos como a idéia de Nordeste e de nordestino, praticamente, já ocupam diversos lugares comuns a esse próprio discurso. São esses diversos lugares e diversos discursos que possibilitam pensar o nordestino a partir da "FORMAÇÃO DISCURSIVA"<sup>4</sup> em que o mesmo está inserido. Tanto o Nordeste como o nordestino fizeram parte de uma formação discursiva preocupada em pensar a Nação e a identidade de seu povo.

*"Só Deus mesmo nos acode / pois o nordeste não pode / salvar o seu pessoal / certo que os nordestinos / são homens trabalhadores /*

---

<sup>2</sup> LIMA, Luiz Gonzaga de. Idem

<sup>3</sup> CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. Frei Damião – O missionário do Nordeste. Março de 1976, sem editora

<sup>4</sup> FOUCAULT define FORMAÇÃO DISCURSIVA como sendo "esse espaço de dissensões múltiplas; um conjunto de oposições diferentes cujos níveis e papéis devem ser descritos". VER: FOUCAULT, Michel – A Arqueologia do Saber, 2ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986, p. 179.

*Quando há um bom inverno / o sertão é de mil flores / mas há 3 anos  
que cria / Seca, fome, epidemia / carestia e dissabores".*<sup>5</sup>

No verso anterior, de José Bernardo da Silva, a temática da seca, que também é recorrente nos discursos das elites onde é usado para reivindicar investimentos, obras na região, bem como campo público que se destinaria a "solucionar" o problema das secas. Nesse verso José Bernardo a temática da seca é associada a figura do nordestino e vai ganhando novo conteúdo histórico, cultural, político, econômico e até artístico.<sup>6</sup>

Apesar que nas estrofes de José Bernardo da Silva o nordestino aparece associado a temática da seca, que virou lugar comum também no Cordel, esses mesmos versos também estão associados a uma outra problemática que é a migração: "aqui mesmo tem passado / uma grande multidão / uns buscando os trabalhos / e outros o Maranhão / tanto que nesse trajeto / vão deixando por completo / o ressequido sertão".<sup>6</sup> Num outro folheto do mesmo autor, com título parecido, percebe-se a mesma tônica dos versos anteriores, vejamos:

*"Vê-de que cinquenta e sete / foi um ano fracassado / pouca colheita,  
alto preço / dinheiro não foi trancado / ficando o comércio em peso /  
num aperto desgraçado / Ver-se esses sertanejos / homem fortes e  
varonis / deixar sua terra amada / onde vivem tão feliz / seguir num  
pau de arara / buscando o sul do país. / Assim vão se retirando / os  
bravos filhos do norte / tangidos por um tufão / que se impõe contra a  
sorte / entre ameaça tremenda / do cataclismo da morte. / De pouco  
a pouco o Norte / vai desmerecendo o nome / porque os seus filhos  
mártires / não suportando a fome / abandona-o, procurando / um  
lugar onde se come".*<sup>7</sup>

<sup>5</sup> SILVA, José Bernardo da. Os horrores do Nordeste – Juazeiro do Norte – Ceará – 02/08/1942. IN: Literatura Popular em Verso. Antologia. Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. Tomo I, p. 242.

<sup>6</sup> SILVA, José Bernardo da. Idem

<sup>7</sup> SILVA, José Bernardo da. A Seca e os horrores do Norte. Juazeiro – Ceará, 22/04/58

Nestes versos, fica claro a recorrência a temática da seca e da migração. Apesar de ser um folheto datado de 1958, e ainda estarem presentes o "Norte" como o "sertanejo", isso ocorre pelo fato de que tanto o Nordeste como o nordestino serem identidades que gradativamente irão ocupar espaço no discurso de Cordel. Um outro fator significativo é o fato do próprio nunca ter deixado seu "norte querido", suas "raízes sertanejas", de homem forte e viril. Tanto o discurso da seca como a temática da migração vão fazendo parte ao longo do século XX, da idéia que gestou tanto o Nordeste como o nordestino. No entanto, é no discurso de Cordel que o discurso da migração "nordestina" para o Sul do país, entre 1940 e 1980, vai ganhando força e se tornando mais um elemento que contribui para constituir o nordestino no discurso do Cordel.

Como ele, o Cordel representaria a resistência desta cultura que era a expressão do homem nordestino, que lhe dava perfil, que o delimitava e definia. Por isso, uma das principais atividades a que se dedicarão os regionalistas e tradicionalistas é a de tentar "preservar a cultura popular nordestina", já que para eles a cultura das elites há muito vinha sendo corrompida. No começo do século vinte, diante do avanço da urbanização e da modernização, restaria no seio das camadas populares e entre os habitantes de áreas menos contaminadas pelas influências urbanas e cosmopolitas, as genuínas expressões do homem nordestino. Este patrimônio cultural estaria se perdendo, com ele se perderia o espírito regional, a índole e o caráter do povo do Nordeste estaria definitivamente perdido.

O caráter patriarcal e masculino da sociedade parecia ser uma tradição a ser defendida pelo nordestino. Sendo uma criação de discursos e práticas masculinas, o nordestino surge para ser uma reserva de virilidade e honra perdidas. Elaborado a partir de outros modelos de sujeito como o coronel, o jagunço, o cangaceiro e até mesmo o "agricultor", o nordestino é pensado como este homem novo que precisava, no entanto, preservar as tradições de seus antepassados, quando estes eram verdadeiros reis em suas terras, reinos onde nem o Estado entrava.

*"Antes não tinha escolas / só um ou outro sabia / escrever ou apenas ler / agora desde a Bahia / ao Nordeste e Amazônia / todos tem sabedoria / Também o povo da roça / está vindo pra cidade. / A*

*própria São Paulo já é / terra de nordestinidade / com milhões de  
contenrâneos / trabalhando de verdade".*<sup>8</sup>

*"Mal ou bem eu avisei / acredito no destino / xorarei pelos irmãos /  
achados no desatino / Dando fim, aqui me firmo / o maxado  
nordestino".*<sup>9</sup>

*"A região do ABC / em São Paulo industrial / é zona metropolitana /  
fica no lado oriental / com os manufaturados / fortuna que só Estados  
/ no Brasil, não tem igual. / Deixam muito dos Estados / nordestinos  
para trás".*<sup>10</sup>

*"MAX: - Quero tirar seu brasão / de poeta repentista / de trovador, de  
biógrafo, / que no versar é artista / Porque maxado, de Feira, / Não  
respeita cordelista / Rod: - Dou valor ao jornalista / por nome Franklin  
Machado / Mas maxado nordestino / ainda é fraco, coitado / Para  
ganhar de Rodolfo / no seu verso improvisado".*<sup>11</sup>

Esses versos como, ao longo desse texto, nesse terceiro capítulo, procuramos apresentar e analisar as temáticas associadas a figura do nordestino no discurso popular do Cordel, e como sua utilização nos folhetos se torna evidente na década de setenta. Muitos são os folhetos<sup>12</sup> que, a partir de setenta e iniciando os

<sup>8</sup> MACHADO, Franklin. O Doutor faz em Cordel o que Cordel fez em Dr. São Paulo. Janciro 1978.

MACHADO, Franklin. Estamos no fim do mundo. morro do chapéu – BA. 1978

<sup>9</sup>

<sup>10</sup> MACHADO, Franklin. ABC do ABC. São Paulo. Janciro 1978

<sup>11</sup> MACHADO, Franklin. O encontro de maxado nordestino com Rodolfo Cavalcante. Bahia. 1979. sem editora

<sup>12</sup> (1) CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. Lampion não era tão cão como se pinta. 1982. sem editora.

(2) Idem. ABC a Franklin Maxado. o maxado nordestino. 1982. sem editora.

(3) MACHADO, Franklin. O nordeste vai jogar camelo no seco e duro. São Paulo. maio 1982.

(4) Idem. Os milagres baianos de um poeta que não é santo ou profeta. São Paulo. setembro. 1981.

(5) Idem. Rei Zumbi. o herói do Quilombo de Palmares. São Paulo. outubro 1981.

(6) MOTTA, Francisco Fernandes da. A seca do nordeste. Caicó – 02/07/80.

(7) LIMA, Manoel Basílio de. Os problemas do Nordeste. sem data. sem editora.

(8) LIMA, Sebastião Basílio de. E agora doutor?. sem data. sem editora.

(9) BARROS, João de. O que faz o nordestino em São Paulo. sem data. sem editora.

(10) LIMA, Jorge Pereira. O direito do agricultor nordestino e o que lhe chega. sem data. sem editora.

anos oitenta, vai confirmando cada vez mais nossa hipótese, apresentada ao longo desse texto: o nordestino, no discurso do Cordel, emerge num momento posterior ao apresentado nos discursos da elite e, mais ainda, a problemática de sua emergência nos folhetos, está ligada a um elemento novo em sua elaboração, que é a migração nordestina para o Sul do país, entre às décadas de quarenta e oitenta do século XX.

*"Peço as forças de Sansão / para fazer um repente / para falar de um homem / que sempre foi consciente / é ele Audálio Dantas / um nordestino valente. / Peço aos meus conterrâneos / que tem idéias boas / votem no MDB / não furem suas canoas / elegendo Audálio Dantas / o orgulho das Alagoas".<sup>13</sup>*

No verso anterior, de Toni de Lima, "... Audálio Dantas/ um nordestino valente / orgulho das Alagoas", traz imagens e enunciados que legitimam e contribuem para fortalecer o tipo regional nordestino como uma invenção do "falo". A imagem de "homem" que aparecem em seus versos exigem, a subjetivação de um tipo de identidade "nordestina", que deva ter uma identificação regional: "o orgulho das Alagoas", e sexual: "um nordestino valente / ... não furem suas canoas". Não deixar "furar suas canoas", é justamente não deixar ser pego por "trás", ser "penetrado" e, ele apela pedindo aos seus conterrâneos e aos seus "pares" que votem nele que se identifica com seu "povo": "é ele Audálio Dantas / um nordestino valente / o orgulho das Alagoas".

*"São Paulo, terra querida / pelo povo nordestino / onde lutam pela vida / homem, mulher e menino / do oficial ao servente / cada toma o seu destino. / Paulistas os chamam caipira / porém nenhum se aborrece / escrita / faz que não ouve / e o seu amor oferece / a trabalho com afã / na cidade que mais cresce. / São Paulo tem nordestino / muito mais, que no Norte / trabalham por esta terra / nosso nordestino forte / homem de pulsos de aço / que lutam até a*

---

<sup>13</sup> LIMA, Toni de (Sizenando Cerqueira de Lima). História de Audálio Dantas – Um nordestino valente. Osasco – SP. 04/11/78.

*morte. / O Nordeste é um guerreiro / de agrande disposição / Povo forte que nasce / recebe o galardão / desta cidade que acho / ser orgulho da nação".*<sup>14</sup>

Nesses versos de João de Barros, aparece novamente um subtema que está ligado à nossa hipótese, a de que a modernidade representada pelo progresso do Sul do país, faz da migração do nordestino para o Sul, um dos elementos que ajudam a constituir o nordestino no discurso do Cordel.

No entanto, nesses mesmos versos, aparece outro subtema que também é elemento constitutivo da elaboração do nordestino pelos discursos da elite, a valentia que é uma das principais características do nordestino, segundo o estereótipo dele criado. O "povo nordestino", em São Paulo, "onde lutam pela vida, homem, mulher e menino", parece constituir, a valentia na Literatura de Cordel, um gênero de narrativas, que ressalta no nordestino o que seria suas qualidades de destemor, de coragem, sendo capaz de enfrentar e vencer todos os seus desafetos, mesmo que este seja a própria vida, sua sina "Severina", de "morte e vida", de "nosso nordestino forte / homem de pulços de aço / que lutam até a morte". Em nenhum verso de Cordel que trate sobre o homem valente, se notará o medo ou a dúvida.

*"o nordestino não dorme / lutam com bem serventia / trabalham incansavelmente / ninguém segura o nortista / e nem toma o seu valor / bichos fortes de coragem / deveras, o trabalhador / é como diz o ditado / cabra macho, sim senhor".*<sup>15</sup>

*"Eis uma história de luta / acontecida no Norte. / Nela ver-se um sertanejo / corajoso, bravo e forte / em defesa de uma moça /*

---

<sup>14</sup> BARROS, João de. O que faz o nordestino em São Paulo. Ed. Folheteria São Paulo – de João Severo da Silva. O ano de produção desse folheto provavelmente está situado entre 1960 e 1980, de acordo com o tempo de atuação da editora. Para maiores informações ver: ALMEIDA, Atila Augusto F. de, SOBRINHO, José Alves. Dicionário Bio-Bibliográfico de repentistas e poetas de bancadas I. Ed. Universitária, 1978. páginas: 77 e 275.

<sup>15</sup> BARROS, João de. Idem

*enfrentar a própria morte. / Era filho de um vaqueiro / que também foi valentão / nasceu igualzinho ao pai / nunca enjeitou confusão".*<sup>16</sup>

O valente não pensa duas vezes ao praticar suas ações. Seja em São Paulo como trabalhador nordestino, seja no "Norte" como "sertanejo, bravo e forte", a valentia como sub-tema elabora a conhecida figura masculina do nordestino nota-se, inclusive, nesse último verso de João Cabral Firmino como, na Literatura de Cordel, um gênero dos mais populares é o que conta histórias de bravura de homens em suas disputas em torno das mulheres. O que nos chama atenção é como, na verdade, a valentia está relacionado e dá um outro sentido a inúmeras práticas de violência e crueldade, principalmente por parte dos homens. A valentia ao ser cobrada como um atributo inerente a masculinidade produz uma subjetividade agressiva e pronta a estabelecer conflitos às vezes por motivos os mais banais.

O que também aparece como regularidade em nossa pesquisa com o Cordel é, exatamente o deslocamento que a valentia como atributo de masculinidade nordestina sai do "norte" para São Paulo com características de que, agora, em vez de enfrentar "homens", é necessário continuar sendo valente para enfrentar a vida "difícil" da grande São Paulo.

*"Hoje no tempo presente / todo mundo quer amar / mas ainda vê-se coisa / do cabelo arripiar. / Um rapaz apanhar das moças / por não saber namorar. / Ivonete com vontade / metia o cacete nele / dizendo assim: esta surra / é um exemplo pra ele / rasgaram sua camisa / e tiraram as calças dele. / Josué saiu correndo / pra não morrer de apanhar / correu nu como um macaco / e o povo pegou a mangar. / Josué disse: eu agora / vou aprender a namorar. / No outro dia bem cedo / correu atrás de Ivonete / fez ela virar "mulher" / e deu-lhe mais um bofete. / Logo no primeiro dia chumbregou com 27".*<sup>17</sup>

<sup>16</sup> CABRAL, João Firmino. O heroísmo de um sertanejo – Poeta nascido em 1940, provavelmente sua produção iniciou na década de 1960. Maiores informações ver: ÁTILA, SOBRINHO, idem nota 16, pg. 96.

<sup>17</sup> LEITE, José Costa. O rapaz que apanhou das moças por não saber namorar. Ed. A voz da poesia nordestina. O folheto foi produzido provavelmente entre 1942 e 1980 de acordo com o tempo de atuação do autor e da editora. Ver Anexo I e ÁTILA, SOBRINHO, idem, Pg. 151.

Nesses versos de José Costa Leite, fica claro que a masculinidade do estereótipo faz parte do nordestino, é visto como um atributo no seu modo de "amar": "nossa pesquisa faz uma história dos costumes, ou seja, uma história que aborda aspectos da vida ordinária, do homem comum em seu cotidiano" <sup>18</sup>. Procuramos, a partir de suas práticas, se o homem nordestino estará afirmando ou não as imagens e enunciados que o construiu como um tipo regional, um homem símbolo da virilidade e da masculinidade. No verso anterior, de José Costa Leite, o assunto "amor" e as pesquisas que realizamos sobre essa temática tanto no discurso das elites como no Cordel, nos permite dizer que as práticas amorosas aparecem mais ligadas ao universo feminino. Ao masculino se associa mais constantemente um sentimento arrebatador, mais forte, parece ter um conteúdo carnal, menos sublime, mais sexual, imagens e enunciados que simbolizam mais a virilidade e a masculinidade, do que a pureza do amor.

*"O mundo masculino parecia se bastar a si mesmo, ser um mundo fechado, do qual não deveria fazer parte as mulheres, a não ser em momentos e espaços específicos e quando fossem requisitadas. Embora que, numa sociedade rústica e agressiva como a do Nordeste tradicional, as mulheres pareciam ter que se masculinizarem também. No Nordeste, não era apenas o mundo masculino que estava fechado às mulheres, mas a própria região parecia excluir o feminino. A mulher-macho era aí uma exigência da natureza hostil e da sociedade marcada pela necessidade de coragem e destemor constante. Portanto, o discurso regionalista nordestino vai criando não só o homem nordestino, mas a própria mulher nordestina, como caracterizados por traços masculinos, traços herdados do meio rural, das atividades agrícolas e pecuárias".*

18

---

<sup>18</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Primeiras discursos dos resultados obtidos, sem página.

Nas imagens do nordestino que aparecem no discurso do Cordel, percebe-se que a mulher é colocada como alguém incapaz de fazer história. Elas mais sofrem do que fazem história. Geralmente elas sofrem punições por tentar se colocar em práticas que só o homem deve exercer.

*“escanchar-se em bicicleta / isto pertence a rapaz / como também futebol / que coisas tristes fataes / esses lugares não tomem / porque só pertence ao homem / mulher que pensa não faz”.<sup>19</sup>*

Na estrofe anterior de José Pacheco, fica caracterizado o falocentrismo de seu discurso que recorre a imagens que remetem à virilidade ou à genitália masculina, o que é uma temática constante no discurso do Cordel quando se refere ao nordestino.

*“Como eu tinha prometido / agora eu cheguei de novo / falo do mundo moderno / ninguém não me bota estorvo / é corrupção, usos escandalosos / que acarreta tudo. / De primeiro as mulheres / andavam decentemente / porém hoje não se conhece / numa roda onde tem gente / quem é homem nem mulher / tudo é da mesma corrente”.<sup>20</sup>*

Nestes versos de Joaquim Barros, que parece querer anunciar os últimos sinais que anunciam o fim do mundo, novamente percebemos como é recorrente o falocentrismo no discurso do Cordel. Mas parece que a crise do “mundo tradicional” onde o “mole não se metia” parece estar em crise a ambivalência da elaboração do que é ser homem no Nordeste ameaça se explicitar.

---

<sup>19</sup> ROCHA, José Pacheco da. A mulher no lugar do homem. Para maiores informações sobre o autor e produção ver: ÁTILA, SOBRINHO. idem. pg. 238.

<sup>20</sup> CAVALCANTI, Joaquim Barros. O mundo moderno, os últimos sinais anunciam o fim. O autor começou escrever Cordel em 1953. Para maiores informações ver: ÁTILA, SOBRINHO. Idem. pg. 109.

Enfim, ao longo desse texto, procuramos apresentar e analisar às várias temáticas que associam nordestinidade e masculinidade como elementos constitutivos do nordestino. Procuramos mostrar também outras temáticas como a seca, a modernidade, a migração, a defesa da tradição, de um código moral tradicional fizeram parte dessa elaboração.

## CONCLUSÃO

Em nossa pesquisa, iniciada em 1996, deixou-nos com a certeza que a elaboração da figura do nordestino foi feita pelos discursos das elites do Nordeste “filhos” da decadência do baronato do açúcar dos antigos estados do Norte e, mais particularmente de um grupo de intelectuais e políticos que giravam em torno da Faculdade de Direito do Recife e do próprio Gilberto Freyre. Recife parece ser o local de aglutinação destes inventores da nordestinidade. Parece ter sido eles que se debruçaram sobre a figura do nordestino e procuraram melhor caracteriza-la.

A pesquisa nos deixa a certeza também que, apesar da emergência do nordestino ter a tutela do discurso das elites, sem dúvidas tal elaboração foi subjetiva por um outro tipo de discurso, o da Literatura de Cordel.

O discurso das elites que elaborou o homem nordestino não só tratou de sua emergência como também apresentou-o e o definiu como uma identidade regional e sexual. No entanto, o discurso popular do Cordel trouxe-nos um elemento novo que foi a migração do nordestino para o Sul do país, entre às décadas de quarenta e oitenta, colocando a “migração” como um elemento importante da elaboração e constituição do nordestino no discurso dos folhetos de Cordel.

Esse trabalho mostrou-nos as continuidades e descontinuidades a que está inserido a invenção do nordestino, seja no discurso das elites, seja no discurso popular do Cordel. As continuidades mostraram-nos a permanência de uma série de temáticas e características associadas ao nordestino nos diversos discursos que o pensaram. As descontinuidades mostraram-nos as ausências de antigas figuras que habitavam os antigos estados do Norte do Brasil e que, ao longo da elaboração do nordestino foram desaparecendo paulatinamente. Muito mais do que continuidades e descontinuidades, o nordestino surgiu associado aos símbolos que nortearam a

elaboração e emergência da Nação, faz parte de formações e informações histórico-discursivas que não cessam de se comunicar para legitimar os lugares reservados para estes símbolos. Uma história da subjetivação onde o discurso da verdade esconde a verdade de seu discurso.

Enfim, a invenção do nordestino no discurso popular do Cordel faz parte dos diversos interesses que fizeram emergir no discurso das elites, tanto o Nordeste como o nordestino. A história vitoriosa de um projeto de dominação e da veiculação de uma identidade regional. A Literatura de Cordel, como o discurso das elites são utilizados, a partir de seus "autores", para narrar a história de uma memória coletiva e individual que formou o nordestino. No caso do discurso popular do Cordel, a construção do nordestino se deu de forma lenta, gradativa e bem posterior a reelaboração do mesmo pelo discurso das elites. Ou seja, na Literatura de Cordel, o nordestino é uma figura que foi elaborado mais tarde, diferente de seu lugar de "origem" que foi o discurso das elites que tratou de sua elaboração e emergência.

## BIBLIOGRAFIA

- ADLER, Laure. Segredos de Alcova: história do casal, 1850/1930. Lisboa: Editora Terramar, 1985.
- ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. O Engenho Anti-Moderno: a invenção do nordeste e outras artes. Campinas: UNICAMP, 1994.
- \_\_\_\_\_ Falas de Astúcias e de Angústias: A Seca no Imaginário Nordestino, de Problema à Solução, 1877/1922. Campinas: UNICAMP, 1994.
- \_\_\_\_\_ Mole Não se Mete: violência e masculinidade como elementos da imagem do nordestino. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_ A Poesia do Sol: o discurso popular sobre a seca. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_ Os Maus Costumes de Foucault. Mimeografado.
- ALMEIDA, Átila Augusto F. de. e SOBRINHO, José Alves. Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.
- ARAÚJO, Emanuel. O Teatro dos Vícios: transgressão, transigência na sociedade urbana. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

- ARILHA, Margareth, RIDENTI, Sandra G. V. e MADRADO, Benedito (Org.)  
Homens e Masculinidade: outras palavras. São Paulo: Editora 34,  
1998.
- BORGES, Francisca Neuma Fachine e outros. Antologia de Literatura de  
Cordel, Folhetos Premiados no "Concurso de Poetas Populares  
Nordestinos". João Pessoa: Editora Universitária/UFPB/SEC-PB,  
1986.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano 1: Artes de Fazer. Petrópolis:  
Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_ A Invenção do Cotidiano 2: Morar, Cozinhar. Petrópolis: Vozes,  
1994.
- DURHAN, Eunice. A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São  
Paulo. São Paulo, Perspectiva, 1984.
- ERIBON, Didier. Michel Foucault: uma biografia por Didier Eribon. São Paulo:  
Companhias das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_ Michel Foucault e Seus Contemporâneos. Rio de Janeiro:  
Jorge Zahar, 1996.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de  
Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_ História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro:  
Graal, 1994.
- \_\_\_\_\_ História da Sexualidade 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro:  
Forense, 1995.

- \_\_\_\_\_ A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- \_\_\_\_\_ Eu Pierre Rivière, que Degolei Minha Mãe, Minha Irmã e Meu Irmão. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- \_\_\_\_\_ Resumo dos Cursos do Collège de France, 1977/1982. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_ "A Vida dos Homens Infames e a Escrita de Si". In: O Que é Um Autor? Lisboa: Veja, 1992.
- \_\_\_\_\_ O Que é Um Autor? Lisboa: Veja, 1992.
- GUERRA, Felipe. Ajuda o Nordeste. 3ª edição. Coleção MOSSORENSE. Volume CCCL, 1987.
- LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. Campinas: Papyrus/Unicamp, 1986.
- LIMA, Egídio. Folhetos de Cordel. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.
- LIMA, Marinalva Vilas de. O Pe. Cícero na Literatura de Cordel. (pp. 49-75), Campina Grande, 1993. (Dissertação de Mestrado).
- MACHADO, Roberto. Ciência e Saber: a trajetória da Arqueologia de Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- MAGALI, Engel. Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MAXADO, Franklin. O Que é Literatura de Cordel? Rio de Janeiro: CODECRI, 1980.

- NEDATZ, Jonathan. Invenção da Heterossexualidade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- PARKER, Richard G. Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.
- RAJCHAN, John. A Liberdade da Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. Espetáculo da Raça: cientistas, instituições e questão social no Brasil, 1870/1930.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Editora Educação e Realidade, 1990.
- SLATER, Candace. A Vida no Barbante: a literatura de cordel no Brasil. Rio de Janeiro.
- SILVA, Vera Lúcia de Luna. A Tessitura Poético-Gramatical de Um Autor Popular: Leandro Gomes de Barros. São Paulo: Editora Universitária, 1994.
- ZUNTHOR, Paul. A Letra e a Voz: a literatura medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## FONTES: literatura de Cordel

ATHAYDE, João Martins de: Como Lampião entrou na cidade de Juazeiro, acompanhado de cinquenta cangaceiros e como ofereceu os seus serviços a legalidade. Recife, 12 de março de 1926, sem editora.

BARROS, Leandro Gomes de, O sorteio militar, sem editora, sem data.

\_\_\_\_\_ O sertanejo no Sul, sem editora, sem data.

BARROS, João de. O que faz o nordestino em São Paulo, sem data, sem editora.

CABRAL, João Firmino. O heroísmo de um sertanejo.

CAVALCANTI, Joaquim Barros. O mundo moderno, os últimos sinais anunciam o fim.

CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. Paulista virou tatu viajando pelo metrô, 1975.

\_\_\_\_\_ Frei Damião – o missionário do Nordeste. Março 1976, sem editora.

\_\_\_\_\_ Lampião não era tão cão como se pinta, 1982, sem editora.

\_\_\_\_\_ ABC a Franklin Maxado, o maxado nordestino. 1982, sem editora.

LEITE, José Costa. Discussão de um praieiro com um sertanejo, sem data.

\_\_\_\_\_ O rapaz que apanhou das mocês por não saber namorar. Ed. A voz da poesia Nordestina.

\_\_\_\_\_ Tudo eu sei ninguém me ensina. IN: Todo sertanejo vive com fé em Frei Damião, sem data, sem editora.

LIMA, Luiz Gonzaga de. O cachimbo da confusão. 1961 (J. Borges), sem editora.

LIMA, João Pereira de. O pião nordestino e as portas na vida cantarão as saudades dos outros que morreram. 1977, sem editora.

LIMA, Manoel Basílio de. Os problemas do Nordeste, sem data, sem Editora.

LIMA, Toni de (Sizernando Cerqueira de Lima). História de Audálio Dantas – um nordestino valente, Osasco – SP, 04/11/78.

LIMA, Jorge Pereira de. O direito do agricultor nordestino e o que lhe chega, sem data, sem editora.

LIMA, Sebastião Basílio de. E agora Doutor? sem data, sem editora.

MARTINS, Thadeu de Serpa. Discussão entre dois sertanejos sobre sucessão Presidencial ou o Assassinato do Dr. João Pessoa, Pará, Editora Guajarina, 30/07/1931, Segunda edição.

MACHADO, Franklin. O Doutor faz em Cordel o que Cordel fez em Dr. São Paulo, janeiro de 1978.

\_\_\_\_\_ Estamos no fim do mundo, Morro do Chapéu - Ba, 1978.

\_\_\_\_\_ ABC do ABC. São Paulo, janeiro 1978.

\_\_\_\_\_ O Nordeste vai jogar camelo no seco e no duro. São Paulo, maio 1982.

\_\_\_\_\_ Os milagres baianos de um poeta que não é santo ou profeta. São Paulo, setembro, 1981.

\_\_\_\_\_ Rei Zumbi, o herói do Quilombo de Palmares, São Paulo, outubro 1981.

MATOS, Ciriaco Jorge de. Lembranças de um sertanejo, També – PE, 1957, sem editora.

MOTTA, Francisco Fernandes da. A seca do Nordeste. Caicó, 02/07/80.

PARAFUSO, João (José Costa Leite). O encontro da velha que vendia tabaco com o matuto que vendia fumo, sem editora, sem data.

ROCHA, José Pacheco da. A mulher no lugar do homem.

SANTOS, Apolônio Alves dos. O agricultor nordestino que veio trabalhar na obra no Rio de Janeiro, 1950, sem editora.

SILVA, José Bernardo da. Os horrores do Nordeste – Juazeiro do Norte – CE, 02/08/1942.

**ANEXO 1**

## TIPOGRAFIAS E EDITORAS QUE ATUARAM ENTRE 1900 e 1980

Inicialmente os folhetos eram impressos em tipografias de jornal ou em tipografias que faziam serviços gráficos diversos. A partir de 1909 ou 1913 começam a funcionar tipografias de poetas populares, mas só em 1918 é que a impressão de folhetos passa a ser feita quase exclusivamente nestas.<sup>1</sup>

Existiam vinte tipografias que imprimiam folhetos entre 1904 e 1930, em Recife haviam nove tipografias/editoras; Paraíba quatro, e as demais se localizavam em: Fortaleza, Maceió, Natal, Belém e Rio de Janeiro.<sup>2</sup>

Entre 1940 e 1980, temos mais oito tipografias e editoras espalhadas em diversas cidades do país, principalmente, no Nordeste. A seguir apresentamos as mesmas com seus respectivos proprietários e tempo de atuação. (Em ordem cronológica).

### 1) Tipografias e Editoras que atuaram entre 1900 e 1930.<sup>3</sup>

Recife: 1) Imprensa Industrial

- 2) Tipografia Miranda
- 3) Tipografia Moderna
- 4) Tipografia do Jornal do Recife
- 5) Tipografia Livraria Francesa
- 6) Tipografia Perseverança (1910-1911)
- 7) Tipografia Mendes

---

<sup>1</sup> TERRA, Ruth Brito. Lemos, memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930), São Paulo, Global editora, 1983, p. 24.

<sup>2</sup> Idem, p.p. 143 e 144.

<sup>3</sup> Idem, p.p. 143, 144 e 145.

- 8) Tipografia Chaves
- 9) Tipografia de João Martins de Athaide (1909-1949)

Paraíba:

- 10) Tipografia da Livraria Gonçalves Pena
- 11) Tipografia Pernambucana
- 12) Tipografia da Popular Editora (1913 – 1930) de Francisco das Chagas Batista e Pedro Batista.
- 13) Tipografia Pedro Batista (1913 – 1930), filial da Popular Editora de Campina Grande, instalada em Guarabira – PB.

- Maceió: 14) Tipografia Fernandes
- 15) Tipografia Lima

Fortaleza: 16) Tipografia Minerva, de Assis Bezerra

Currais Novos – Rio Grande do Norte: 17) Tipografia d'O progresso

Belém – Pará: 18) Tipografia Guajarina (1904 – 1930), de Francisco Lopes. <sup>4</sup>

- Rio de Janeiro: 19) Tipografia Papelaria Pacheco
- 20) Tipografia Antunes

## **02) Tipografias e Editoras que atuaram entre 1930 e 1980. <sup>5</sup>**

21) A Voz da Poesia Nordestina (1942-1980), de José Costa Leite.

Fonte: ALMEIDA, Átila, SOBRINHO, José Alves, Dicionário BioBibliográfica de Poetas Populares, 2º volume / Biografias, 2ª edição, Ed. Universitária, Campina Grande – PB, 1990, p. 213.

---

<sup>4</sup> Sobre a Editora Guajarina ver: SALLES, Vicente, Guajarina Folhetaria de Francisco Lopes, Revista Brasileira de Cultura, Rio de Janeiro, julho/setembro 1971, nº 09, p.p. 87 e 98 – 100.

<sup>5</sup> ALMEIDA, Átila, SOBRINHO, José Alves. Dicionário Bio-Bibliográfico de Poetas Populares, 2º volume / Biografias, 2ª edição, Ed. Universitária, Campina Grande – PB, 1990.

22) Tipografia Silva (1938 – 1944), de José Bernado da Silva.

Fonte: Idem, p. 455.

23) Tipografia São Francisco (1944 –1980), de José Bernado da Silva.

Fonte: Idem, p. 455.

24) Folheteria Santos (1942 – 1957), de Manoel Camilo dos Santos.

Fonte: Idem, p. 412.

25) Estrela da Poesia (1957 – 1965), de Manoel Camilo dos Santos.

Fonte: Idem, p. 412.

26) Editora Art-Gráfica São José (1950 – 1978), de José Cavalcanti e FERREIRA,  
Dila (José Soares e Silva).

Fonte: Idem, p. 461.

27) Tipografia São Joaquim (1940 – 1970), de Joaquim Batista Sena.

Fonte: Idem, p.p. 423 e 424.

28) Folhetaria Luzeiro do Norte (1953 – 1964), de João José Silva.

Fonte: Idem, p. 450.

## PROCEDIMENTOS PARA DATAR FOLHETOS DE CORDEL

**1º Pelo nome do autor** ⇨ Verificando o tempo de atuação do mesmo. Procedimento este que pode ser alcançado através de uma pesquisa "Bio-Bliográfica" de autores.

**Exemplo** ⇨ Cipriano Batista Sena. Começou a escrever folhetos a partir de 1938. Primeiro folheto: "*Homem que rinchou como um jumento porque zombou de Frei Damião na cidade de União*".

**2º Pelas editoras** ⇨ Verificando o tempo de atuação das mesmas. Procedimento este que pode ser alcançado através de um levantamento bibliográfico, procurando perceber as informações contidas no "texto" ou nas notas de rodapé.

- Exemplo** ⇨
- a) Editora Guajarina -1930/1950- Francisco Lopes.
  - b) Typographia Perseverança -1910/1911- Leandro Gomes de Barros
  - c) Popular Editora (João Pessoa) - Chagas Batista
  - d) Typographia São Francisco do Juazeiro -1920/1940- João Martins de Athayde.

Obs.: Já conseguimos pesquisar 24 editoras. Destas, 14 estão "datadas".

**3º Pelo pseudônimo do "autor"** ⇨ Descobrimo-se o verdadeiro nome do "autor". Procedimento este só alcançado através de "relatos orais" prestados pelo funcionário do NELL (Paulo). Mas que pode ser alcançado também por pesquisas em trabalhos que falem dos folhetos de CORDEL.

- Exemplo** ⇨
- a) João Parafuso = José Costa Leite.
  - b) H. Romeu = José Costa Leite.
  - c) Sá de João Pessoa = Salomão Rovedo.
  - d) Severino Sertanejo = Luiz Nunes Alves.
  - e) Valcan = Rodolfo Coelho Cavalcanti.